



MINISTÉRIO DA AGRICULTURA
CONSELHO NACIONAL DE PROTEÇÃO AOS ÍNDIOS

PUBLICAÇÃO N.º 88 DA "COMISSÃO RONDON"

O PROBLEMA INDÍGENA DO BRASIL

Conferência realizada no Atheneu de Montevidéo,
a 1.º de abril de 1925 por

L. B. HORTA BARBOSA

1ª. edição: em 1926.

2ª. edição autorizada pelo C. N. P. I., em 1945 com acréscimo de
outra conferência, realizada a 19/XI/913, pelo mesmo autor, em
S. Paulo, sobre a "Pacificação dos Índios Caingangue".

IMPrensa NACIONAL - RIO DE JANEIRO - BRASIL - 1947

M. A. de Toledo

Ao Sr. Dr. Pedro de Toledo, sob cuja administração dos negócios da pasta da Agricultura, Comércio e Indústria realizou-se a pacificação dos Caingangue Paulistas e a cuja patriótica ação deve o Serviço de Proteção aos Índios e Localização de Trabalhadores Nacionais os brilhantes e decisivos resultados colhidos durante o triênio de 1911 a 1913, não só no Estado de S. Paulo como em todo o território da República,

Como sinal de sua cívica gratidão

Oferece e dedica
O AUTOR.

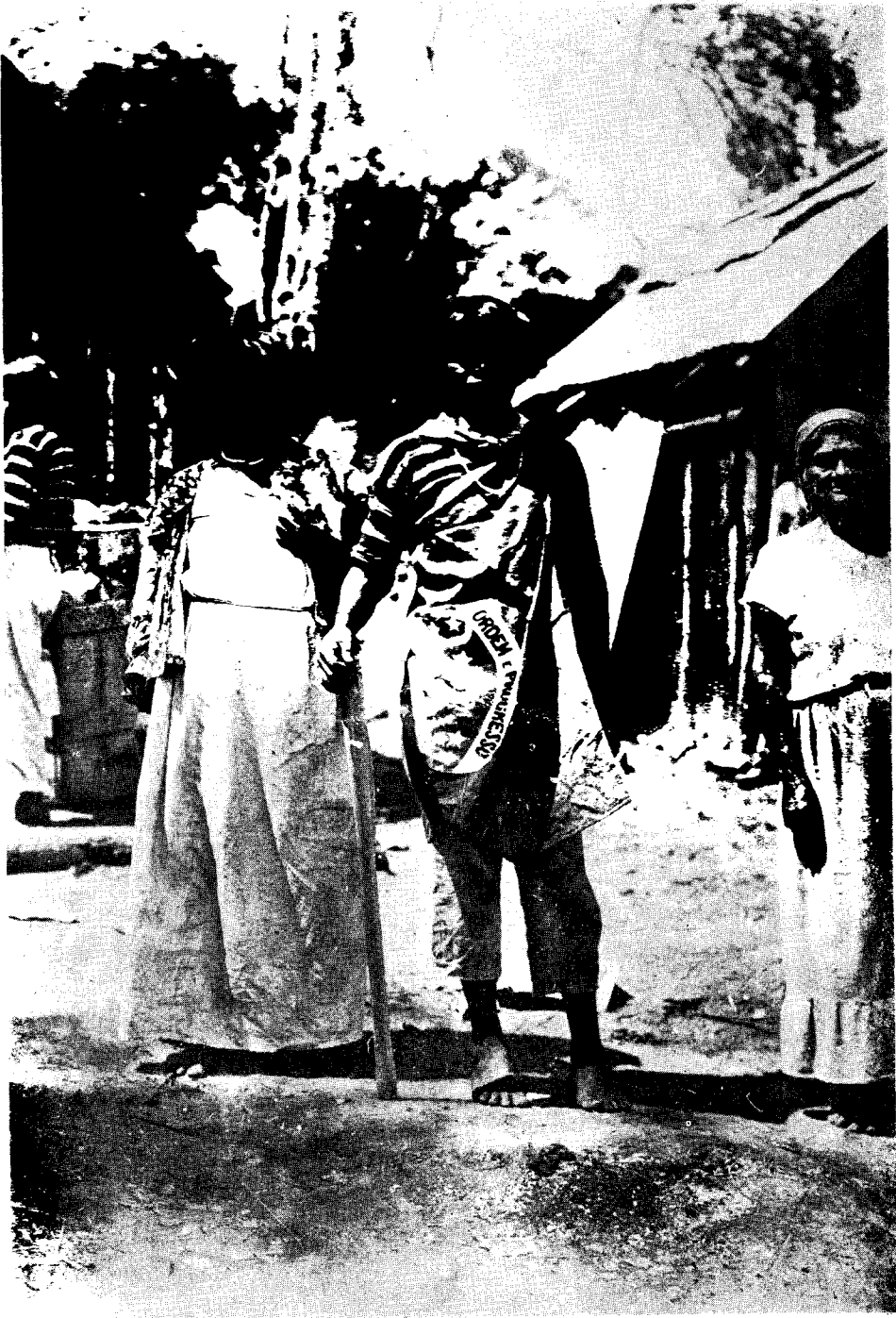
São Paulo — 4-12-1913.

II

A PACIFICAÇÃO DOS ÍNDIOS CAINGANGUE PAULISTAS

HÁBITOS, COSTUMES E INSTITUIÇÕES
DESSSES ÍNDIOS

CONFERÊNCIA REALIZADA NO SALÃO DA BIBLIOTÉCA
NACIONAL EM 19 DE NOVEMBRO DE 1913, PELO
SR. L. B. HORTA BARBOZA, INSPETOR DO SERVIÇO
DE PROTEÇÃO AOS ÍNDIOS EM S. PAULO



PACIFICAÇÃO DOS CAINGANGUE

N.º 13 — O chefe guerreiro Rerim e sua mulher. Ao lado a velha índia intérprete Vamire.

INTRODUÇÃO

Senhores:

O meu aparecimento nesta tribuna, já tantas vêzes ilustrada por oradores de talento e de vasto saber, exige de mim que comece explicando, com tôda a lealdade, que, por me faltarem hábitos e dotes artísticos, não poderei nunca corresponder à expectativa daqueles que, por ventura, aqui tenham vindo com a esperança de ouvir uma conferência literária, abrilhantada por paradoxos fulgurantes, imagens imprevistas e sutilezas de estilo.

Nada disso poderei dar e nem mesmo aspiro a mais do que fazer uma honesta e chã exposição de como alcançaram os funcionários do Serviço de Proteção aos Índios captar a confiança e a amizade dos Caingangue, que enchiam de pavor os sertões do Estado de S. Paulo, compreendidos entre o curso inferior do Tieté, o vale do Rio Feio ou Aguapeí e do Rio do Peixe, até mesmo as margens do Paranapanema.

Direi também o que temos observado dos hábitos, da índole e da civilização desses selvícolas, com a firme esperança de que fazendo-os assim conhecidos, modifique-se a falsíssima opinião que dantes se havia arraigado no espírito de muitos dos nossos letrados, de ser esse povo dotado de gênio excepcionalmente feroz, a ponto de o tornar incapaz de merecer dos civilizados outro tratamento que não fôsse o extermínio completo a tiros de carabina.

Uma compensação, porém, haverá para a falta de interesse literário desta exposição: é a farta documentação de tôdas as afirmações que forem aqui avançadas, pelas belíssimas projeções luminosas que se irão fazendo das fotografias apanhadas em pleno sertão pelo dedicado e incansável fotógrafo do Serviço, o Sr. Sofian Niebler.

Dadas estas explicações, necessárias para prevenir-vos, senhores, de que para o desempenho da tarefa que me impuz, preciso de tôda vossa benevolência, que encarecidamente solicito, começarei expondo a distinção que há a fazer entre as diversas tribos de índios existentes no território de nossa Pátria.

OS INDIOS E OS NOSSOS SERTÕES

Vulgarmente pensa-se, nesta Cidade, como nos demais centros civilizados, que os indígenas brasileiros acham-se todos no mesmo grau de selvajaria, vivendo embrenhados nas florestas e procurando evitar relações com os descendentes do invasor europeu, aos quais assaltam e trucidam sempre que os apanham ao alcance de suas flechas.

Esta opinião é tão radicalmente falsa quanto muitas outras que por aí correm, como verdades inconcussas e muito sabidas, a respeito de nossos sertões e de seus habitantes.

A realidade, porém, é que os indígenas brasileiros distribuem-se em duas classes; destas, a mais numerosa é constituída pelas tribos ou nações que podemos chamar de civilizadas; a outra é formada pelos selvagens pròpriamente ditos, únicos, aos quais se poderá aplicar, mais ou menos, a idéia genérica que nas cidades se liga à denominação : ÍNDIO.

Quanto aos indígenas da primeira categoria, a que acabamos de chamar de civilizados, ainda é preciso dividi-los em dois grupos: um dos que vivem em promiscuidade com os brancos, falando corretamente o português, trabalhando em estabelecimentos agrícolas e pastorís, conhecendo e adotando os hábitos e costumes dos nossos cabôclos, dos quais não se diferenciam à primeira vista; e o outro, o dos que vivem afastados dos brancos, em tribos ainda organizadas, conservando a linguagem e os costumes primitivos, mas procurando freqüentemente as nossas povoações para venderem os produtos de suas indústrias e lavouras ou para se empregarem em certos serviços, como os de canoeiros, por exemplo, e assim poderem adquirir roupas, ferramentas, etc.

Dos que vivem em promiscuidade com os brancos, citarei os Guarani, de S. Paulo, Paraná e Rio Grande do Sul; os Caiuá, habitantes da região Sul de Mato-Grosso, arrendada à Companhia Mate-Laranjeira, cujos trabalhos de colheita e preparação da herva são quase todos feitos por êles; os Terena, Cadiuéo e outros, magníficos campeiros cujos serviços são muito disputados pelos proprietários das grandes estâncias de criação de Mato-Grosso; os Mauê do Amazonas, conhecidos como os melhores fabricantes de guaraná, mercadoria cujo larguíssimo consumo em Mato-Grosso, dá margem a lucros consideráveis; os Timbira do Maranhão, e outros que seria fastidioso citar.

Dos que fazem vida à parte, mas procuram constantemente os brancos para com eles comerciar, citarei os Amanagé e Tembê do Pará, que se aplicam na extração do cedro e do óleo de copaíba; os Paricí de Mato-Grosso, que anteriormente à ação do Coronel Rondon trouxeram para o mercado quantidade incalculável de poaia e de borracha; os Borôro do Rio das Garças, que se empregam em trabalhos de lavoura; os Carajá, excelentes canoiros do Araguáia e muitíssimos outros.

Conquanto trabalhadores extenuos, êstes índios civilizados, sempre arrastaram uma vida de misérias. Os que viviam em promiscuidade com os brancos, condenados a uma escravidão mal disfarçada, graças ao conhecido truque das dívidas eternas para com os patrões, degradavam-se pelo abuso das bebidas alcoólicas e pela prostituição; os outros tinham de deixar em mãos dos "regatões", ou negociantes que os iam procurar, em épocas certas do ano, produtos do seu trabalho (cedro, óleo de copaíba, borracha, guaraná, castanhas do Pará, etc.) em quantidades que valiam muitos contos de réis, recebendo por troca alguns facões, peças de chita, aguardente e outras ninharias, cujo valor mal alcançava a algumas dezenas de mil réis.

E' evidente que, com semelhante regime, essas míseras populações nunca poderiam progredir e a nação só tinha que perder com tal prática, que consiste em extenuar sistemáticamente o trabalhador e a terra, para pôr nas mãos dos poucos proprietários dos hervais, dos campos, dos seringuais, etc., somas enormes, que êles se apressam em ir gastar desregradamente nas cidades do país ou do estrangeiro.

Dos grandes capitais arrancados anualmente aos nossos sertões, pelo trabalho indefeso dos índios e dos nacionais, não se tira um real sequer para a melhoria dos métodos de exploração, das vias de comunicação, das habitações e nem mesmo dos meios de garantir a subsistência dos pobres trabalhadores.

Lutando contra esta asfíxiante situação, que já havia dolorosamente impressionado o espírito dos nossos grandes sertanistas, como os Generais Couto de Magalhães e Gomes Carneiro, o Coronel Rondon esforçava-se, numa ação tôda pessoal, por libertar os índios da esmagadora dependência em que definhavam, garantindo-lhes, para isso, os frutos de suas lavouras e de outros trabalhos, em terras cuja propriedade lhes era atribuída. Foi assim, por exemplo, que os Paricí, antes misérrimos descobridores de so-

berbos seringais do planalto matogrossense, viram, rapidamente, melhorar, primeiro, as condições materiais de sua vida, e logo depois a moralidade e o bem estar de suas famílias.

Esta grande obra de vivificação dos sertões brasileiros, conquanto se limitasse aos simples esforços de iniciativa de um homem, ainda mesmo dotado da prodigiosa atividade e dedicação do Coronel Rondon, estava ameaçada de perecer, logo que outros deveres o obrigassem a ausentar-se daquelas regiões; isso mesmo já se havia dado com os Borôro, do rio S. Lourenço, com alguns grupos de Terena e de outros índios dos pantanais, os quais, desde que lhes faltou a presença direta do Coronel, tiveram de ceder à compressão dos elementos hostis, entre os quais se encravavam as terras que lhes haviam sido doadas, e retrogradaram até a desorganização e dispersão de que êle os havia tirado.

Não só para manter ininterrupta esta benéfica influência, como também para difundí-la por todo o território da República, fazendo-a abranger a totalidade das populações dos sertões, foi criado em 1910, na Presidência do Sr. Dr. Nilo Peçanha, e sendo Ministro da Agricultura o Sr. Rodolfo Miranda, o Serviço de Proteção aos Índios e Localização de Trabalhadores Nacionais.

O SERVIÇO DE PROTEÇÃO AOS ÍNDIOS

Para dar uma idéia do modo de agir dêste serviço, dos fins a que êle colima e dos resultados que vai obtendo, bastará lançar-se um rápido golpe de vista sôbre a situação dos Guaraní de S. Paulo, tal como era em 1910 e como é atualmente.

Deve notar-se, em primeiro lugar, que os Guaraní paulistas apresentam o mesmo grau de civilização que os nossos caboclos; falam correntemente o português; são monógamos; casam-se na igreja católica; batizam os filhos e os inscrevem no Registro Civil; enterram os seus mortos nos cemitérios públicos e usam os mesmos métodos de trabalho.

A diferença que os separa dos caboclos, é que êles entre si só falam a língua guarani; ao batismo e ao nome católico sobrepõem uma cerimônia e um nome dos antigos usos indígenas; ao culto, aos santos e ao padre da igreja, antepõem os ritos do maracá, o culto do sol e da lua e a veneração pelos pagés, que êles chamam em português de "rezadores".



N.º 15 — Grupo de índios aldeados nas proximidades do Acampamento do Ribeirão dos Patos são visitados pelo Inspector Luiz B. Horta Barbosa e pelo auxiliar José Cândido Teixeira.

Da antiga organização política nada mais resta, e a influência dos "capitães", última sombra dos caciques e murubixabas de antanho, ficou inteiramente absorvida e anulada pela influência do Governo — uma espécie de entidade tãda poderosa e severa para a qual êles voltam as suas esperanças e respeitam com fervoroso temor.

Dêsses índios existiam em 1910 vários grupos exparsos e arrastando uma vida misérrima, em Jacutinga, município de Bauru, em terras da fazenda de Itaporanga, em Piraju, e nas cercanias de Itanhaem.

A primeira ação da Inspetoria do Serviço de Proteção aos índios, em S. Paulo, teve de dirigir-se no sentido de debelar as epidemias de varíola e de impaludismo que devastavam os grupos de Itaporanga, Piraju e de Jacutinga, criando-se para isso, por ordem imediata do Coronel Rondon, um hospital em Miguel Calmom e outro em Itaporanga.

Depois de atendidas essas e outras necessidades urgentes, applicou-se a Inspetoria em criar para êsses Guaranis uma situação favorável ao seu desenvolvimento material e conseqüente melhoria moral. Para êste fim, o Governo Estadual reservou as terras da fazenda do Araribá, abrangendo a área de 800 alqueires de florestas virgens.

Para aí conduziram-se os índios de Itaporanga, Pirajú, Salto-Grande e do município de Bauru, os quais desde logo começaram a abrir estradas e fazer derrubadas para plantações de milho, arroz, feijão, mandiõca, batatas, canas, árvores frutíferas; criação de porcos, galinhas, patos, etc..

A concentração dos Guarani no Araribá, começada em meados do ano passado, deu os seguintes resultados: em dezembro tinham-se derrubado e plantado perto de 200 alqueires de terra; existiam 700 porcos; mais de 800 galinhas; 35 cavalos e muares; cabras, carneiros e outras criações. Já se tinham plantado mais de 200 árvores frutíferas.

A moralidade dos índios melhorou em grau muito maior do que o esperado pelos cálculos mais otimistas; com facilidade espantosa conseguiu-se, quase em absoluto, suprimir o abuso das bebidas alcoólicas e até hoje não se deu o menor conflito, nem mesmo algumas dessas pequenas rixas tão comuns entre populações pouco numerosas e rústicas.

No entanto, a população do Araribá é constituída de cêrca de 300 indivíduos, provenientes de grupos que se olhavam com fundas prevenções, geradas por conflitos e rixas antigas.

Os miseraveis ranchos em que êles viviam, substituíram-se por casas, com as divisões internas exigidas pelos bons hábitos e pela moral doméstica.

O regime adotado na povoação consiste em se dar aos índios absoluta garantia de propriedade sôbre todos os frutos de seus trabalhos. Das plantações que fazem em suas roças e de suas criações, êles dispõem inteira e livremente; quando trabalham em serviços promovidos pela Inspetoria, o que só fazem por livre vontade, sem menor sombra de coação material ou moral, recebem um jornal como qualquer trabalhador contratado.

Os empregados da Inspetoria só existem para manter a ordem material, providenciar sôbre necessidades de alimentação, tratamento de doentes, ferramentas, transportes, etc.; evitar as invasões de intrusos e principalmente para zelar os materiais pertencentes ao Estado; além disto, procuram com os seus conselhos incentivar os trabalhos, melhorar as plantações, conservar o asseio e a higiene das habitações e das pessoas. Mas, em caso nenhum êles intervêm na vida íntima das famílias ou dos indivíduos; nas crenças, festas e cerimônias religiosas.

Os resultados colhidos em pouco mais de um ano são tão consideráveis, que nos animam a esperar para dentro de cinco anos, no máximo, vermos a atual povoação indígena de Araribá transformada em centro agrícola de trabalhadores nacionais. Êste processo só depende de não se descontinuar, nem desmerecer a ação do Govêrno, de modo a ser possível o estabelecimento definitivo do ensino das primeiras letras, a criação do aprendizado prático da agricultura, dos ofícios de carpinteiro e de ferreiro, bem como a introdução dos instrumentos próprios ao aperfeiçoamento da arte de tecelagem, a que são muito dadas as índias e para cujo desenvolvimento já se fêz uma regular plantação de algodão.

Tendo assim dado uma idéia do que são os índios que chamamos "civilizados", e da espécie de proteção que o Govêrno Federal, por intermédio do Ministério da Agricultura, atualmente lhes dispensa, devemos agora passar a considerar os que denominamos de "selvagens".

INDIOS AMONTADOS

Conquanto muito menos numerosos do que os outros, são estes indígenas os que mais preocupam o espírito público, e isso porque algumas tribos, habitantes de restos de florestas, já premiadas por estabelecimentos de civilizados, vivem em estado de guerra constante com os invasores de suas terras. Acresce que para agravar a impressão de terror que nas cidades anda ligada ao nome de índio, os jornais e os livros, que nunca deixam de comentar longamente as crueldades de seus assaltos, guardam sempre o maior silêncio sobre as batidas que, em geral, as precedem e provocam e das quais resultam terríveis massacres de populações inteiras!

E' inútil dizer-se e repetir que esses selvagens atacam para defender-se, e quase sempre em desforra a uma sangrenta provocação dos civilizados. Nós, nas cidades, vamos registando as mortes que eles praticam e continuamos a ignorar os horrores que sofrem; nós não sabemos, por exemplo, que há bem poucos anos, em Campos Novos do Paranapanema, Estado de S. Paulo, completava-se a exterminação de uma nação inteira, a dos Oti, índios absolutamente inofensivos, que nunca souberam opôr a menor resistência aos seus inumanos matadores.

As nações de selvícolas de que ainda restam algumas reliquias, são exatamente as que se defenderam, opondo os seus arcos e flechas às nossas carabinas de repetição; e por se terem defendido, nós muitas vezes as classificámos de ferozes e exigimos do Govêrno que as mandasse exterminar.

No entanto, a observação e a experiência demonstram que os índios habitantes de florestas, nunca foram subjugados pelos meios violentos. Esses meios só podiam surtir efeito quando empregados contra os dos campos, em cujos descampados a flecha de nada vale em comparação com as armas de fogo.

Os Borôro do rio das Garças sustentaram guerra contra Cuiabá durante quase um século. Em vão o Tenente Duarte, por ordem do Govêrno da então provincia de Mato-Grosso, manteve contra eles uma campanha sem tréguas; a guerra só terminou quando se deu a intervenção da índia Rosa, de cuja benéfica ação nos foi conservada a memória num trabalho encantador da esposa do General Melo Rego.

Também os Borôro de S. Lourenço, que de primitivos aliados dos Portuguezes tiveram de se transformar em inimigos, para

evitar o cativeiro, desde os fins do século XVIII até nossos dias sustentaram, com vantagem, a guerra que lhes movíamos para desfogar a estrada de Cuiabá, e não sustaram as hostilidades senão depois que o Coronel Rondon, prossequindo na obra esboçada pelo General Gomes Carneiro, fêz cessar as batidas e substituiu-as por manifestações de benevolência e bondade.

Ainda êstes processos de brandura, já agora empregados por funcionários do Serviço de Proteção aos Índios, conseguiram, logo no princípio de 1911, terminar a guerra dos Aimoré que vinha desde o tempo de D. João VI, os quais agora se acham pacificamente tratando de lavouras, em postos criados pela Inspetoria do Espírito-Santo, sob a deligentíssima direção do Tenente Antônio Estigarribia; idênticos resultados colheu a Inspetoria de Goiaz, com os Javaé, da ilha do Bananal, também classificados de ferozes; como o Coronel Rondon já o havia alcançado com os Nhambiquara, talvez a mais numerosa de tôdas as nações indígenas do Brasil, e como o acaba de realizar com os Barbado, índios também de Mato-Grosso.

De todos os casos, porém, que se poderiam aqui citar, comprovativos da excelência e do acerto do método preconizado pelo Diretor do Serviço de Proteção aos Índios, o que nos deve preocupar mais especialmente é o dos Caingangue, de S. Paulo.

OS CAINGANGUE

A celêuma que se levantou em torno do nome dêstes índios, não se justifica, nem pela importância numérica de sua população, que é uma das mais resumidas, nem tão pouco por algum requinte de crueldade, de que resultasse para êles um lugar à parte na triste história das lutas dos selvícolas brasileiros contra os civilizados.

A explicação da enorme retumbância que tiveram os assaltos dos Caingangue, parece-me residir, principalmente, em dois fatos: primeiro, o dêles se realizarem no Estado de S. Paulo, e segundo, o do lamentável desfecho que teve a tentativa de catequese do Padre Claro.

Sacerdote estimado e respeitado entre as classes cultas de São Paulo, pelas suas altas virtudes e saber, o Padre Claro decidiu ir quase sozinho, ao encontro dos Caingangue, com o fito de os pacificar e conduzir para o grêmio da igreja católica. Para isso fêz construir, nas cabeceiras do Feio, três canoas que tripulou com

Guaranis e nelas descendo o rio, ia deixando pelas ribanceiras, onde encontrava vestígios dos índios, espelhos, facões e outros brindes.

Por êsse tempo ainda se acreditava que o Feio fôsse um tributário do Tieté. O Padre Claro, que partira com essa idéia, tendo navegado até às imediações da barra do Presidente Tibiriçá, e notado que o curso do rio, até ali, conserváva-se paralelo ao Tieté, concluiu que êle ia diretamente desaguar no Paraná, e, provavelmente, por falta de víveres, resolveu daí regressar para o ponto de partida.

No dia imediato ao em que começou a subir o Feio, foi a flotilha inopinadamente assaltada pelos Caingangue, que contra ela atiraram uma nuvem de flechas. Um dêsses tiros acertou no padre; outros mataram e feriram alguns tripulantes das canoas.

A notícia desta tristíssima morte causou a mais penosa impressão na população de S. Paulo. Daí por diante, todos os espiritos se inclinavam a aceitar as mais odiosas opiniões sôbre a ferocidade excepcional dos Caingangue, pois que, raciocinando com muito bons sentimentos, mas com nenhuma clarividência, concluíram que era preciso não existir naquelas almas nada de humano, para assim maltratarem um homem que nunca os molestara e que tantos sacrificios afrontava só movido pelo desejo de lhes fazer o bem.

O que, porém, não sabiam, nem pódiam saber os moradores das cidades, é o que agora contam os índios, explicando o motivo do seu ato.

Dizem êles que, entre os brindes deixados pelo Padre Claro numa ribanceira, figurava uma carabina ou espingarda, engenho cujo maquinismo êles, nesse tempo, ignoravam completamente, a ponto de acreditarem que êle disparava por si mesmo, automaticamente. Daí concluíram que aquela arma havia sido ali deixada com a intenção de matar os que dela se aproximassem, atraídos pelos outros presentes.

Esta suposição conduziu-os logo a considerar os expedicionários, cujos passos vinham desde o princípio observando cuidadosamente, como inimigos perigosos, que mereciam e precisavam ser imediatamente debelados.

Como se vê, o triste desfecho da tentativa de catequese do Padre Claro resultou, não da suposta ferocidade dos Caingangue,

mas sim da profunda ignorância em que eles viviam a respeito das coisas da nossa indústria, e mais da desconfiança que nutriam pelos civilizados, em consequência das terríveis batidas contra eles incessantemente organizadas por moradores de Campos-Novos do Paranapanema, e pelos que iam, mais recentemente, fundando estabelecimentos nas cabeceiras do Feio e em águas da margem esquerda do Tietê.

Esta luta impiedosa e bárbara já vinha desde os primeiros anos da segunda metade do século passado, e quanto mais durava mais se amiudavam, de um lado e do outro, os assaltos e os morticínios, acompanhados de crueldades cada vez maiores.

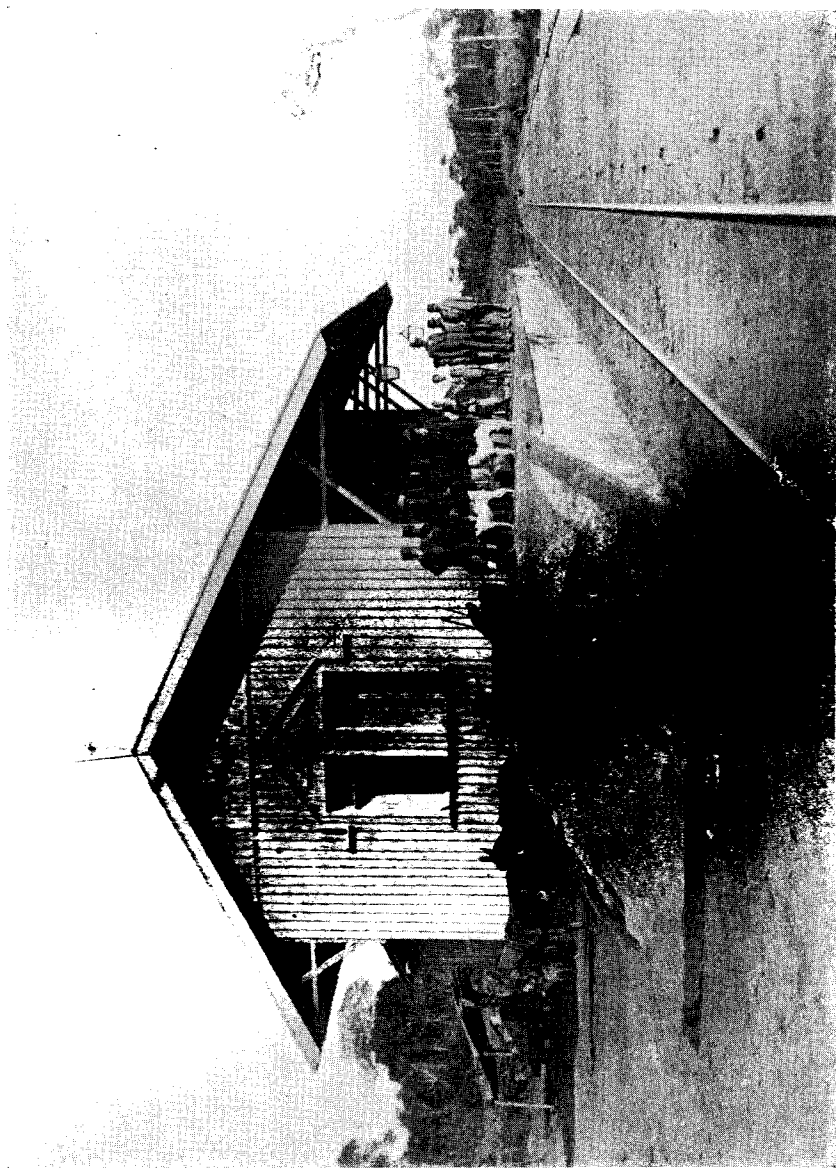
Em vão colocou o Governo estadual as suas esperanças na catequese, subvencionada desde 1903 até hoje, que devia ser organizada pelos frades capuchinhos, em Campos-Novos; a situação continuava a piorar de ano para ano. O reconhecimento e o levantamento dos rios Feio, Aguapeí e Peixe, pela Comissão Geográfica e Geológica do Estado, teve de fazer-se à mão armada, e ainda assim não se conseguiu evitar o sacrificio de vidas em ambos os campos.

A E. F. NOROESTE E A AÇÃO DO CORONEL RONDON

A construção da Estrada de Ferro Noroeste do Brasil, correndo pelo divisor das águas do Feio e Tietê, constituiu uma nova fonte de hostilidades; às batidas dos bugreiros, sucediam-se os assaltos, cada vez mais violentos, dos índios contra os trabalhadores da estrada, e o pavor imperava por todo o sertão, onde ninguém se encontrava sem uma carabina de repetição, de que usava dia e noite, em descargas a esmo, para afugentar o "bugre".

Em fins de 1910, quando apenas se começava a organizar o Serviço de Proteção, a situação da Noroeste era tão premente, que o empreiteiro oficiava ao Ministério da Viação, avisando-o de que estava na iminência de suspender as obras de construção, por impossibilidade de conter os selvícolas e fazer parar as suas correrias.

Os Tenentes Rabello e Dantas. — O Coronel Rondon, tendo notícia, pelos reconhecimentos preliminares dos Tenentes Pedro Dantas e Manuel Rabelo, da excepcional gravidade do problema, cuja solução ainda era mais dificultada pelas disposições hostis com que os moradores da região, todos armados e em pé de guerra, recebiam os empregados do serviço, resolveu partir para lá, afim de



N.º 3 — *A Estação de Hector Leoni, hoje Promissão, da E. F. Nordeste do Brasil. A menos de uma légua ficou situado o acampamento do Ribeirão dos Patos.*

estudar a questão em suas fontes diretas e ali mesmo dar a traça que conviria seguir para conquistar a amizade dos temidos Caingangue, e assim estabelecer a paz e a ordem em todo aquêlê vasto sertão.

Estudada a região, não só ao longo da estrada como também lateralmente até ao Tieté, o benemérito diretor do Serviço de Proteção aos Índios assentou, com a maestria que todos lhe conhecem, o plano da pacificação e escolheu para o realizar o Tenente Rabelo, tendo como principais auxiliares os Tenentes Cândido Sobrinho e Sampaio.

No plano estabelecido, o Coronel Rondon aproveitava com admirável habilidade a circunstância de se poder contar com os serviços de alguns Caingangues tirados do grupo já civilizado do Estado do Paraná, por meio dos quais podíamos comunicar aos selvícolas as nossas intenções pacíficas, não só por meio da palavra, como também por certos sinais peculiares a essa nação, feitos com o auxílio de businas e de uma espécie de hieroglifos, muitíssimo originaes, construídos com pauzinhos e pequenos ramos de árvores.

Êstes elementos, que deviam representar na campanha que se ia iniciar uma ação decisiva, foram logo depois acrescidos dos índios escravos de uma fazenda de Campos-Novos do Paranapá, cujo proprietário, famoso bugreiro, os havia aprisionado por ocasião de devastadores assaltos que costumava dar às aldeias do rio do Peixe.

Vanuire — Com êles vinha a velha índia Vanuire, que entre todos se destacou depois pelo inextinguível zêlo e verdadeiro amor com que se devotou àquela obra, que ela compreendia ser a salvação das últimas reliquias de seu povo.

Uma grande dificuldade, porém, ainda estava para ser resolvida, a da escolha do ponto onde conviria iniciar-se a entrada na floresta e instalar-se o serviço.

De fato, os Caingangue, nesse tempo, faziam irrupções quase simultâneas, numa linha de frente superior a 250 quilômetros; de modo que era bastante difícil descobrir-se o lugar de onde êles irradiavam, e para onde era necessário dirigir-se a ação dos expedicionários, afim de se ter a certeza de entrar logo em contacto com êles e nunca mais os perder de vista.

Os Tenentes Rabelo e Sobrinho — Ainda estavam, o Tenente Rabelo e os seus ajudantes, nessa perplexidade, quando se

deu o assalto contra a turma 21.^a de conservação da via-férrea, o que determinou a vinda do Tenente Cândido Sobrinho para a estação de Heitor Legru, então fortemente ameaçada.

Feito o acampamento ao lado dessa estação iniciou logo o Tenente Cândido Sobrinho a exploração da mata que a cercundava, resultando daí a descoberta de que se achava num lugar muitíssimo freqüentado pelos índios e por isso mesmo muito próprio para a fundação do projetado centro de atração.

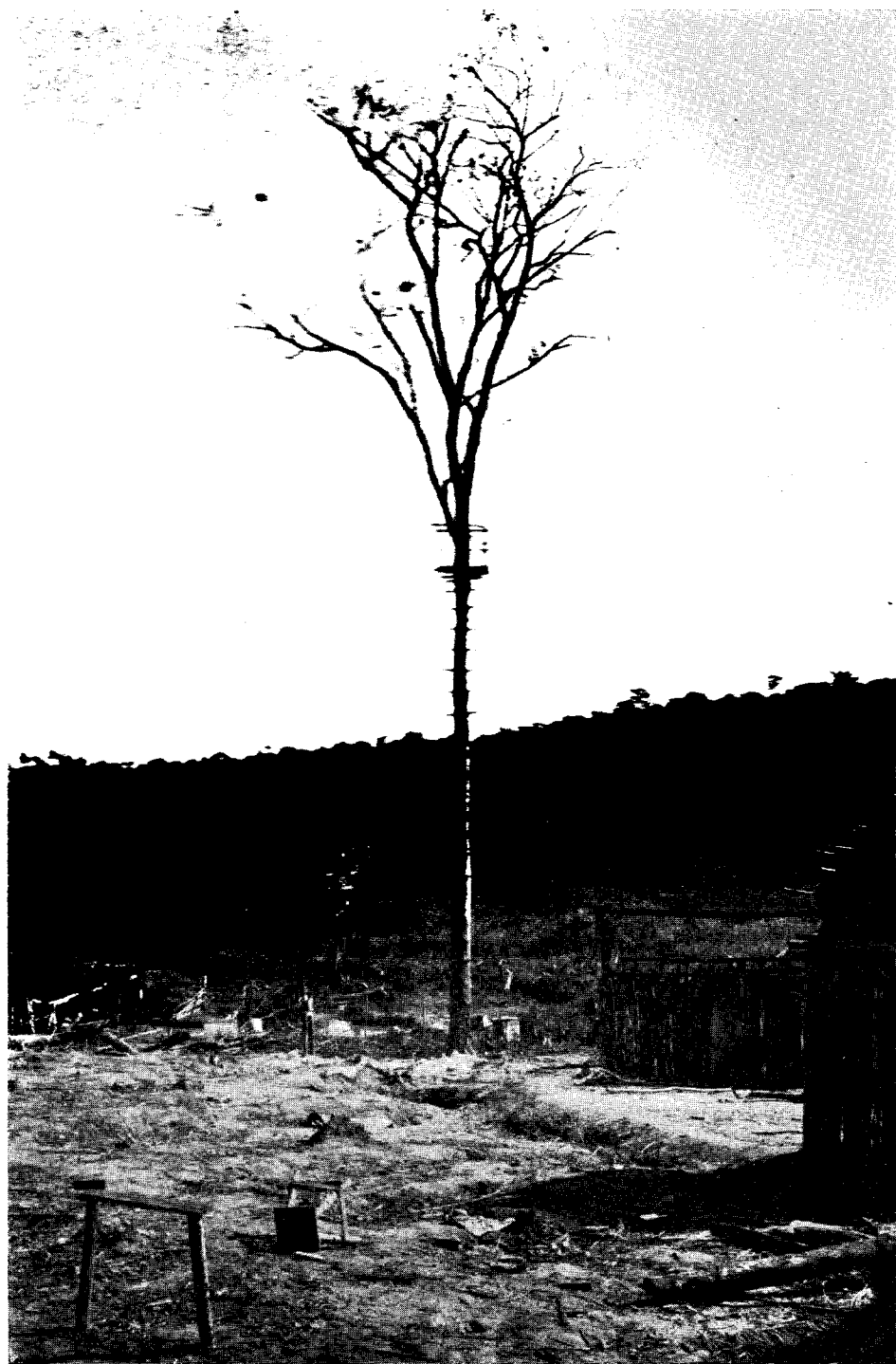
Seguindo por um dos trilhos mais batidos, foi o Tenente Sobrinho esbarrar a 2 quilômetros da estação com o Ribeirão dos Patos, num ponto de passagem dos selvícolas, de onde divergiam para todos os lados numerosos caminhos com sinais evidentes de serem muito trafegados.

Para aí resolveu êle transferir imediatamente o seu acampamento, fazendo para isto a necessária derrubada do arvoredo secular; depois substituiu o abarracamento inicial por um arranchamento de páu a pique e cobertura de fôlhas de coqueiro, destinado a servir de centro das operações que se haviam de desdobrar para o interior da misteriosa floresta, que se estendia ininterrupta para os lados do Feio, transpunha-o e daí se derramava até o Feio e o Paraná.

Para prender a atenção e o interêsse dos índios em tôrno dêsse acampamento e assim evitar que êles continuassem a espalhar o terror e a desorganização dos serviços ao longo da estrada de ferro, derrubaram-se 4 alqueires de mata e fêz-se uma grande plantação de milho e feijão.

Todos êsses trabalhos se prosseguiam no meio de tremendas ameaças dos selvícolas, os quais noite e dia cercavam o acampamento, ora tirando de suas buzinas lúgubres mugidos, que significavam guerra e extermínio, ora dando nas árvores com seus terríveis porretes pancadas que provocavam, no silêncio da noite, sons pavorosos, que deixavam as almas transidas de medo à lembrança de que a cacetadas tais nunca havia escapado com vida uma única vítima dos assaltos daquêles temerosos guerreiros.

E a tôdas essas ameaças, no meio de tantos terrores, respondiam os assediados com palavras de paz, com os cantos de festa da incomparável Vanuire, e com os sons alegres de benevolência e de boa amizade derramados por sôbre a soturna floresta, pela buzina que sopravam os intérpretes paranaenses, do mangrullo construído no alto de uma árvore.



N.º 18 — *A árvore que servia de posto de vigilância e de onde falavam os intérpretes para os índios que se aproximavam do Acampamento.*

E o Tenente Sobrinho, continuando impávido a grande obra, embrenhava-se na floresta para os lados do Feio, seguindo o trilho principal que de lá vinha em demanda do Ribeirão dos Patos, e quando encontrava os pequenos ranchos de caçada dos índios, nêles deixava-lhes presentes de roupas, machados e quinquilharias.

Depois êsse trilho foi transformado em estrada, numa extensão de 30 quilômetros, até alcançar o rio em cuja barranca foi forçoso fazer-se novo acampamento à espera de que se terminasse a construção de uma ponte, sob a direção imediata do Tenente Rabelo.

Concluída a ponte, continuou a expedição para além do Feio, alcançando em princípio de dezembro de 1911, depois de percorridos perto de 20 quilômetros a contar daquêle rio, a primeira aldeia dos Caingangue, a qual, soubemos mais tarde, pertencia ao grupo chefiado pelo *rekakê* Vauhin.

Ao presentirem a aproximação dos expedicionários, os índios abandonaram os seus ranchos e embrenharam-se pela mata, sem quererem atender aos chamados dos intérpretes. O pânico, como explica o chefe Vauhin, originou-se de que êles não esperavam, àquela hora, em que chovia torrencialmente, a chegada da coluna exploradora, e o inopinado dessa marcha, agravado pelo desordenado temor das mulheres e crianças, fez generalizar o medo até aos homens, que também correram.

O Tenente Rabelo deixou nos ranchos grande quantidade de machados, facões, cobertores e outros presentes, depois do que regressou para o acampamento do Ribeirão dos Patos, para daí vir apresentar-se às autoridades militares conjuntamente com os seus esforçados ajudantes, em cumprimento de uma ordem do Ministério da Guerra.

Com 6 meses de trabalho, o Tenente Rabelo deixava o programa da pacificação dos Caingangue, antes considerados como *irredutíveis*, nitidamente encaminhado para o feliz e desejado desfecho. Graças à aplicação rigorosa do plano do Coronel Rondon, à ausência absoluta de tôda e qualquer manifestação que pudesse ser interpretada como hostilidade ou má vontade (basta dizer que durante todo êsse tempo não se deu um único tiro, nem mesmo para matar esplêndidas peças de caça que passavam, quase ao alcance da mão) e as reiteradas provas de paciência e amizade, traduzidas pelos brindes deixados na floresta, graças a tudo isso, repito, já muito se havia modificado a noção que os índios tinham sobre os

moradores do Ribeirão dos Patos e começava a despontar em suas almas a confiança que os havia de conduzir a se fazerem nossos amigos. Além disso, a atenção dos selvícolas tendo sido vivamente solicitada para os acampamentos e trabalhos da inspetoria, aí se concentrava, e eles, por isso, abandonavam outras excursões, pelas quais, dantes, ameaçavam quase tôda a estrada Noroeste. Havia-se construído um bom acampamento nos Patos, plantado roças de milho e de feijão e rasgado, em plena floresta virgem, uma magnífica estrada de penetração, de perto de 50 quilômetros, pela qual ficavam abertas e fáceis as comunicações entre os índios e os civilizados empenhados em conquistar-lhes a amizade.

O Ministro da Guerra Ordena a Retirada dos Oficiais — A retirada brusca dos oficiais ameaçava de ruína completa todos êstes grandes trabalhos, realizados através de tantos sacrifícios, pois que o pessoal empregado nos diversos serviços ficava do dia para a noite entregue a si mesmo, sem a ação coordenadora de um chefe.

Para evitar êsse calamitoso desfecho de uma obra, cujo coroa-mento já se previa para um futuro bem próximo, resolveu o Senhor Manuel de Miranda, sub-diretor do Serviço de Proteção aos Índios, ir pessoalmente para aquêles sertões, afim de tomar as providências necessárias à conservação do que já estava feito, até que se pudesse designar a pessoa que devia substituir o Tenente Rabelo.

Aproveitando a ocasião aquêle chefe decidiu fazer uma inspeção geral de todos os trabalhos já terminados, e para isso organizou uma expedição, a cuja frente percorreu a estrada aberta pelos Tenentes Rabelo e Sobrinho, até a aldeia do *rekakê* Vauhin.

Os habitantes dessa aldeia não haviam voltado a ocupá-la e a nova expedição só encontrou um índio, que hoje sabemos chamar-se "Pechê", surdo-mudo, para alí destacado como atalaia e guarda dos ranchos abandonados.

O Cacique Vauhin e sua emboscada — Ao divisar os expedi-cionários, saiu êle em desabalada carreira, e metendo-se pela floresta a dentro foi levar ao seu chefe e irmão a notícia da nova invasão. Diz-nos agora o *rekakê* Vauhin que as mulheres e crianças aterrorizavam-se tanto com essas visitas, por temor de que elas acabassem repetindo as atrocíssimas carnificinas dantes praticadas pelos "bugreiros", que aos índios se afigurava de imprescindível necessidade providenciar para que fôsse tal invasão sustada com a máxima urgência.

Por isso veio **êle, acompanhado** de mais um guerreiro, de nome Recandui, esperar o **regresso da expedição**, num ponto do caminho que lhe pareceu **propício à emboscada** que projetara.

E quando a coluna **chegou a êsse ponto** os dois Caingangues não trepidaram em **assaltá-la, apesar de ser** ela composta de mais de vinte homens, todos **portadores de carabinas**. Das flechas, disparadas com **espantosa rapidez e precisão**, uma bateu no arção da sela do animal **cavalgado pelo Sr. Manuel de Miranda** e por pouco não lhe causou um **ferimento, que seria fatal**; outra feriu o intérprete Futoio.

Primeiro Diálogo em Caingangue — **Graças à calma** do chefe da expedição, a boa ordem da coluna **nada sofreu com esta surpresa** e os intérpretes Geigmon e Futoio **começaram logo a falar** para os **invisíveis** assaltantes, repetindo os **apelos à paz e os protestos de amizade**. Então, pela primeira vez **aquêles Caingangues, responderam** às palavras que lhes mandávamos dizer e **travaram um longo diálogo** com os intérpretes, diálogo de que **resultaram esclarecimentos** preciosos para o futuro da campanha **pacificadora**.

Contudo, entre os índios ainda havia **muitos espíritos** trabalhados pela profunda **desconfiança que nêles implantaram os 50** anos de guerra com os civilizados. Um **dêsses decidiu vir sôzinho** ao acampamento dos Patos, **onde já havia** chegado à expedição, e aproximando-se do **ribeirão, protegido pelo milharal**, descobriu um homem que se **banhava e contra êle** desferiu uma flecha. Cito êste fato não só porque **êle serve para evidenciar a audaciosa coragem** dos guerreiros caingangues, como também porque **dêle resultou, dias depois, a única morte** que até hoje teve de lamentar a Inspeção de S. Paulo em todo o **decurso dos seus arriscados trabalhos** nos sertões da Noroeste e de entre o Feio e o Peixe.

Com a retirada dos oficiais era impossível continuar a Inspeção a utilizar-se dos **serviços do destacamento do Exército**, que estava às suas ordens. Era, pois, **forçoso dispensá-lo**; mas dispensando-o não se podia **deixar no acampamento os três ou quatro** empregados civis que lá existiam.

Sôbre tudo isto providenciou o Sr. Manuel de Miranda, **mandando evacuar aquêlê acampamento**, e **recolherem-se os empregados e o material a Miguel Calmon**.

Depois, nomeado novo Inspetor, em janeiro de 1912, **tratou-se de reorganizar o serviço para continuar a obra** interrompida.

A grande dificuldade que então se apresentava consistia em que, tendo-se de formar todo o pessoal só com civis, ficava-se exposto a ter, no fim de cada mês, uma interrupção dos trabalhos, porquanto é sistema dos "camaradas" não se demorarem nos empregos mais do que o tempo necessário para ajuntar alguns mil réis, que logo se apressam a ir gastar nas cidades ou povoações.

Para obviar a este inconveniente assentou-se em mandar contratar no Paraná uns doze Cainganges civilizados.

Chegados eles, em fevereiro, tratou-se sem mais demora de reinstalar o acampamento dos Patos, nessa ocasião muito frequentado pelos selvícolas que ali vinham abastecer-se de milho verde.

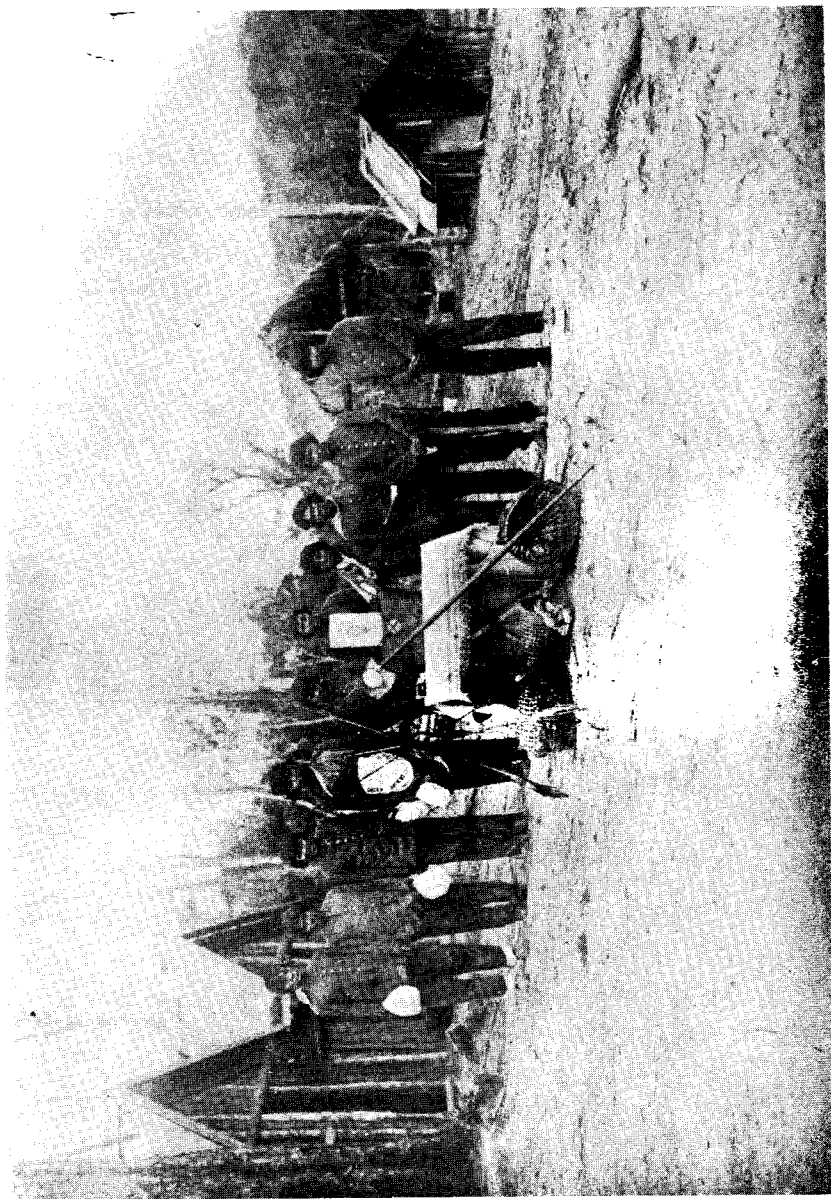
Então recommçaram as vigílias; as arriscadíssimas explorações de trilhos, para a descoberta de lugares próprios para nêles deixarem-se brindes; as dificuldades de, à noite, conter-se o pânico das mulheres e mesmo de alguns homens, apavorados quando ouviam o estrugir das buzinas ou o reboar das formidáveis pancadas vibradas contra as árvores, por braços que se adivinhavam possantíssimos: e mais o trabalho de disfarçar esse pânico com músicas de gramofone, com os cantos de paz da Vanuire e às vêzes dos intérpretes, chamando os temíveis visitantes, para que entrassem no acampamento, afim de receberem machados, cobertores e colares.

Dez índios em visita ao nosso acampamento — Felizmente esta situação não chegou a durar dois meses. Um pouco depois do meio-dia de 19 de março, no alto do caminho que vem do rio Feio, apresentaram-se a peito descoberto dez guerreiros cainganges, inteiramente desarmados e com a resolução evidente de travar relações com os ocupantes do acampamento dos Patos.

A natural excitação dos primeiros momentos só durou o tempo necessário para a admirável Vanuire dar-se conta do que se passava; então, correndo com entusiasmo incrível, foi ela resolutamente meter-se no grupo formado pelos cainganges e induziu-os a acompanhá-la até o recinto do acampamento.

Recebidos com o carinho que é fácil de imaginar-se, êsses homens foram logo vestidos e cumulados de presentes e mimos.

De tôdas as coisas que nessa ocasião lhes foram mostradas, nenhuma lhes causou mais admiração e viva alegria do que o fósforo. Quanto às comidas e ao açúcar eles, ainda lembrados da mortandade de que haviam sido vítimas os moradores de uma aldeia do rio do Peixe, por se terem utilizado de genêros envenenados,



N.º 4 --- Grupo de índios Caingangue recém-chegados ao Acampamento do Ribeirão dos Patos poucos instantes após serem vestidos com fardamentos do Exército. O chefe Kerim distingue-se por estar enrolto na bandeira do Brasil.

propositadamente levados para a floresta por um bugreiro de Campos-Novos, não os aceitavam sem primeiro nós os provarmos.

Chefiava essa primeira turma o *rekakê* Vauhin, que por prudência havia deixado o resto do seu povo, as mulheres e crianças, reunido além do rio Feio, com instruções para que, caso fracassasse a sua generosa iniciativa e êle morresse, todos se salvassem, embrenhando-se na mata em rumo de oeste.

Por isso mesmo êle precisava regressar quanto antes para o meio dos seus, afim de levar-lhes a auspiciosa notícia e assim restituir-lhes a tranqüilidade.

A êsse primeiro grupo seguiram-se outros, e não tardou que também viessem algumas mulheres, única manifestação verdadeiramente valiosa para provar a realidade da confiança do índio em seus novos amigos.

Pagando a visita do Rekakê — Também do nosso lado sucederam-se as expedições e visitas às aldeias de Vauhin, onde existiam então para mais de cem índios, seguidas de incursões para além de Presidente Tibiriçá e da descoberta de novos cursos d'água, tão importantes como êste, aos quais se deram os nomes de rios dos Caingangues e 19 de março. Nestas expedições, tôdas levadas a efeito pelo destemeroso José Cândido Teixeira, auxiliar da Inspeção, foram reconhecidas as situações das aldeias dos outros *rekakês*, que eram, nesse ano, Congue-Hui, Cangrui, Rugrê e Charin. Ficou-se então sabendo que tôda a população dos Caingangue paulistas, a qual seguramente não excede de 500 pessoas, acha-se localizada em águas da margem esquerda do Feio e Aguapeí e que a mais oriental das aldeias é a de Vauhin, colocada aquém do Tibiriçá, e a mais ocidental é a de Charin, situada nas cabeceiras do ribeirão Itauna, que desagua no Aguapeí, logo acima do salto Carlos Botelho.

Estendidas, rapidamente, as relações de amizade a todos os *rekakês*, os quais visitam freqüentemente o acampamento dos Patos, foi-nos fácil fazer algumas observações sobre os usos e costumes dêsse povo, tão injustamente taxado dantes de feroz e de incapaz de assimilar a nossa civilização.

USOS E COSTUMES

O nome da tribo — Começando agora a expôr os resultados dessas observações, devemos, em primeiro lugar esclarecer a questão do nome porque são designados êstes índios.

Até há bem pouco tempo dava-se-lhes geralmente a denominação de "Coroados", denominação esta radicalmente imprópria, porquanto homens e mulheres usam o cabelo aparado à moda que dizemos "inglesa", segundo a qual se penteiam muitas das nossas crianças.

A única explicação que pode ter esse nome reside no fato de trazerem os meninos caingangues a cabeça raspada, deixando-se-lhes ora uma orla de cabelos em volta do crâneo, ora três madeixas, duas caindo na parte dianteira das orelhas e a terceira na nuca. Dada a maior facilidade de se aprisionarem crianças, conjecturo que, por aí, foram os bugreiros induzidos a supor que também os adultos adotavam o uso do qual se poderia derivar a designação de "Coroados".

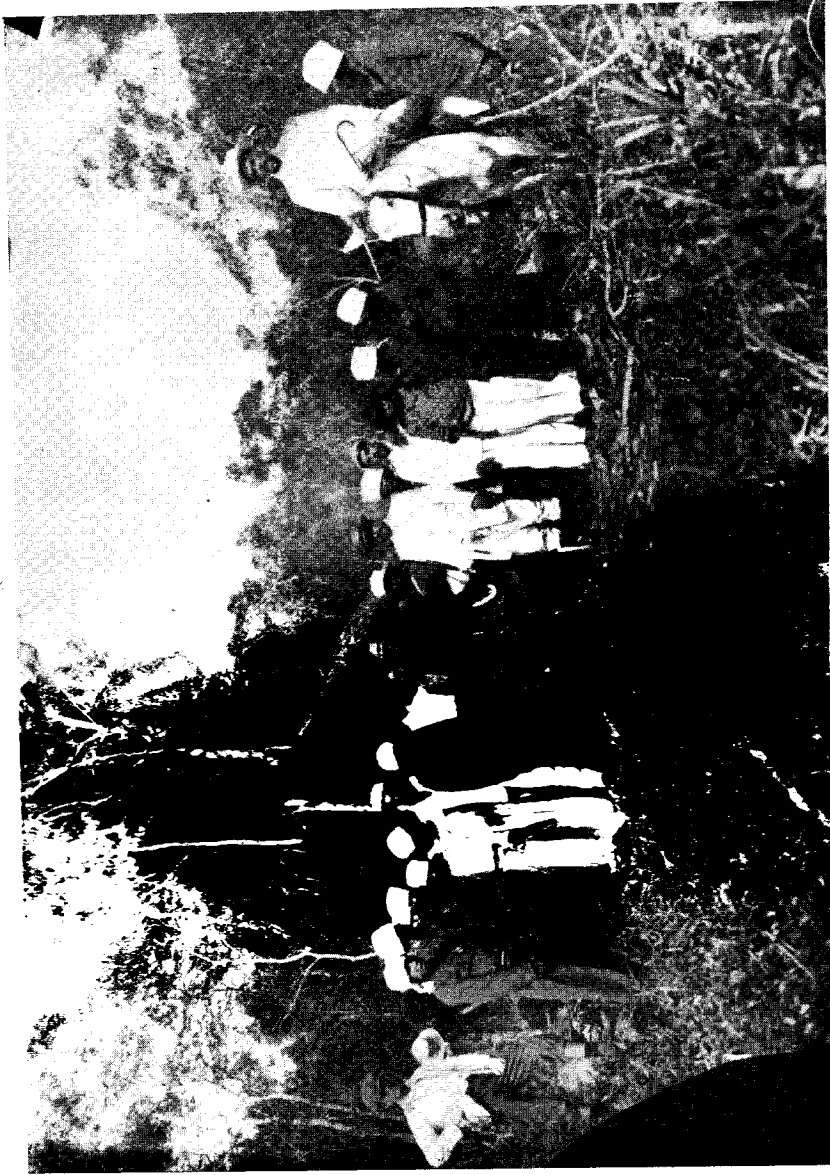
Mais recentemente generalizou-se a denominação de Cain-gangue, que invariavelmente adotamos. Mas, os índios paulistas, antes de entrarem em relações conosco, desconheciam esta palavra. Parece-me que ela nos vem do vocabulário do Paraná e talvez também pertença ao dos grupos riograndense e argentino.

A verdade é que os habitantes da floresta do rio Feio não possuem um termo com que designem genericamente o povo que constituem. Na sua linguagem só encontramos a palavra "cainqué", que equivale ao nosso "parente" (mas só até um certo grau de consanguinidade) cujo sentido, depois de convenientemente alargado, poderia adaptar-se àquela função.

Organização política — Quanto à organização política, os seus laços são tão frouxos que se é antes levado a dizer que ela não existe. A autoridade, em cada grupo, reside num chefe apelidado *rekakê*; ela se transmite por hereditariedade, quando o herdeiro é suficientemente valente e empreendedor para se fazer respeitar pelos demais guerreiros.

Contudo essa autoridade só é verdadeiramente ativa e sensível nas ocasiões dos empreendimentos difíceis e nas grandes festas, sempre dadas em nome do chefe. Súditos, propriamente ditos, os Caingangue não o são, pois, o *rekakê* trabalha como qualquer outro homem, para prover a subsistência própria e à de suas mulheres e filhos.

Muito mais bem definida é a instituição da família. Os homens vulgares têm uma só mulher; os mais empreendedores, porém, chegam a ter duas, número que nunca é excedido. Os ma-



N.º 4 bis — *Flagrante de uma visita do Inspector Luiz B. Horta Barbosa e do Chefe de Seção Manoel Miranda a um pequeno acampamento de índios Camangiqui, nas vizinhanças do Acampamento do Ribeirão dos Fatos,*

ridos são muito carinhosos com as mulheres, que os acompanham por tôda a parte, até mesmo nas expedições de guerra. Mães e pais têm para os filhos uma paciência que parece ilimitada ; nunca lhes batem e muito se afluem com qualquer sofrimento que os façam padecer.

As mães prolongam excessivamente o período de amamentação dos filhos, e enquanto êle dura, não os deixam sôzinhos um só instante, levando-os para tôda a parte em que vão, ou às costas, sustentados por uma cinta de casca de cipó imbé, apoiada na testa, ou, quando já sabem andar, pela mão.

A autoridade dos pais não cessa com a maioridade dos filhos e estende-se mesmo até depois do casamento dêstes.

Vimos uma mãe viúva desfazer dois casamentos de sua filha, contra a vontade desta e dos genros.

A formação dos casais obedece a leis complicadas, dependentes dos grupos e sub-grupos em que se dividem as famílias caingangues.

Camens e Canherucrens — Dêsses grupos, os principais denominam-se CAMENS e CANHERUCRENS ; os casamentos só se podem dar entre homens de um grupo e mulheres do outro : assim, por exemplo, um homem CAMEM só poderá tomar mulher CANHERUCREM. No entanto não se deve pensar que seja lícito o casamento de qualquer CAMEM com um CANHERUCREM também qualquer, porque para complicar o problema, intervem a divisão em sub-grupos, aliás bastante numerosos ; indivíduos de um certo sub-grupo *camem*, só se poderão casar com os de tais sub-grupos *canherucrens*, salvo certas exceções, que também as há nas regras caingangues, para maior confusão da solução de uma questão que nos parece dever ser tão simples.

A noção do incesto — Também são absolutamente vedados e considerados com o mesmo horror que nos inspiram os casos de incesto, os enlaces entre *cainquês*, isto é : pais e filhos, irmãos e irmãs, tios e sobrinhos, primos e primas.

Parece que, com o intuito de trazer sempre viva na memória a proibição dêstes dois últimos casos, cuja infração pune-se com a morte dos culpados, estabeleceu-se o uso dos sobrinhos chamarem os tios de IOG, (meu pai) e as tias de IAM (minha mãe), bem como êstes só tratarem àqueles de COCHITE, isto é, filhos ; análogamente os primos chamam-se de RANGRÉ, isto é, irmãos, e tudo isto, não

obstante existirem na língua caingangue nomes próprios para designarem êsses graus de parentesco.

Casamentos instáveis — Os casais, enquanto não têm filhos, são instáveis; porém, depois, tornam-se indissolúveis. As mulheres casadas guardam escrupulosamente a fidelidade conjugal e tôdas têm um recato que causaria profunda decepção aos nossos levianos forjadores de hipóteses, caso pudessem êles observá-las de perto.

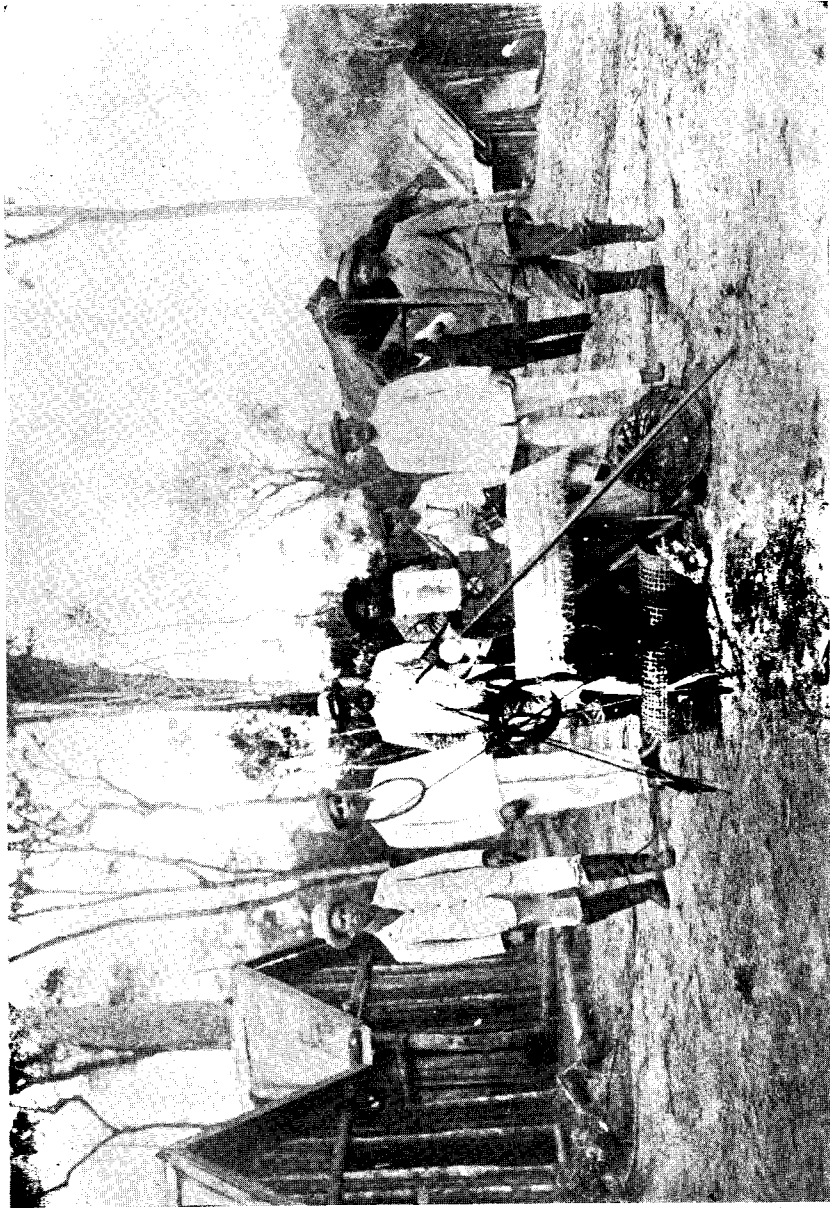
Um uso interessante é o dos pais entregarem as filhas, quando chegam à puberdade, a um dos seus *cainquês*, ao qual incumbe, daí por diante, zelar por ela e sustentá-la, até a data do seu casamento. Por êste uso, o filho mais velho que tem a seu cargo o sustento de uma irmã, não pode contrair casamento antes dela.

O parto — Quando as mulheres sentem que se vão tornar mães, internam-se no mato, fugindo às vistas de todos. Aí, sôzinhas, dão a luz aos seus filhos; mas, apenas algum homem ou mulher ouve os vagidos da criança precipita-se para o ponto de onde êles partem e suspendendo o recém-nascido nos braços, dá-lhe o primeiro nome.

Aos 7 anos, mais ou menos, se a criança é menino a mãe esfrega-lhe, em determinados períodos, todo o corpo com a fôlha de uma certa árvore, derramando-lhe água pela cabeça, com a esperança de, por êsse meio, dar-lhe fortaleza de ânimo e disposição para o trabalho; nessa ocasião o menino recebe um sobre-nome. Noutras ocasiões êle pode ainda receber ou tomar mais alguns apelidos, os quais se ligam a acontecimentos notáveis de sua vida.

Terminada a cerimônia das fricções acima referidas, o menino começa a aprender com o pai o manejo do *cá*, ou porrete vulgarmente chamado pelos sertanejos da Noroeste de *guarantam*; a essa aprendizagem junta-se a de atirar com arco e flecha e depois a das caçadas.

Quando tudo isto está bem sabido e o rapaz mostra-se capaz de prover à subsistência própria, então pode casar-se, coisa que se faz sem outro aparato a não ser o do *cainqué* encarregado da noiva conduzi-la até ao leito do futuro marido. Estas coisas se passam, para a moça, quando ela chega à puberdade, época que, na falta de contagem dos anos, pela qual se possa avaliar a idade, se conhece por um fenômeno comum às mulheres de tôdas as raças. Mas como as caingaugues são muito precoces, acontece depararem-se



N.º 14 — Grupo formado, poucos dias após a pacificação, no Acampamento do Ribeirão dos Patos. Da esquerda para a direita do observador vêm-se: José Cândido Teixeira, Manoel Miranda, um médico da E.F.N. do Brasil, Augusto de Avelar, Julio Horta Barbosa, (atual desenhista do Serviço de Protecção aos Indios), Luiz Bueno Horta Barbosa e Manoel Silveiro Bandeira de Melo.

com meninas já casadas que aparentam ter apenas treze anos ou ainda menos do que isto.

Cerimônias fúnebres — Quando morre um caingangue, dois homens se postam de cócoras, um de cada lado da cabeça, tangendo maracás, cantando e soprando-lhe constantemente nos ouvidos.

Enquanto isto, os parentes e amigos conservam-se agrupados e silenciosos, de pé, à cabeceira. Depois dobram-lhe as pernas sobre a barriga e amarram-no de modo que possa ser carregado dorso contra dorso, por um homem, que o leva para o cemitério. Ai abrem uma cova, cujo fundo é forrado com fôlhas de palmeira à moda das camas usadas por êsseç indios. Depositam o cadaver sobre as fôlhas, pondo-lhe ao lado os objetos, utensílios e enfeites de seu uso, bem como muitos presentes dados para êsse fim pelos parentes e amigos. As coisas pertencentes ao morto e que o não acompanham na sepultura, como os animais por êle domesticados ou os objetos que se acham, por qualquer motivo, ausentes do lugar em que se deu a morte, são impiedosamente destruídos e queimados.

Na bôca da sepultura constroe-se um estrado ou estiva de madeira e sobre êste estrado amontoa-se terra, não só a retirada para a abertura da cova, como também muito mais que se escava dos lados. Em épocas certas, no meio de festas, chamadas *kiki-côia*, voltam os Caingangue a refazer êsse monte de terra, de sorte que êle alcança, às vêzes, alturas notáveis.

As exéquias porém, continuam-se por muitos dias : homens e muíheres, com as cabeças envolvidas em longos panos — *curus* — entregam-se a um choro infindável, seguindo os ritmos de uma melopéia triste e por fim enfadonha. Enquanto dura êste choro, os indios não atendem a nada do que possa ocorrer em torno dêles ; nada os faz distrairem-se daquela fúnebre ocupação.

A viúva — Se o morto deixa viúva, esta retira-se para lugar êrmo, onde, por muitos dias, que chegam às vêzes a um mês, conserva-se em completo isolamento, evitando cuidadosamente lançar as vistas sobre qualquer pessoa, na persuasão de que o seu olhar é, nesse período, maléfico e até mortífero. As coisas de que ela então pode necessitar, como as provisões, são-lhe trazidas por algum parente ou amigo, que, precavido, os deposita longe do alcance da pernicioso influência visual. A inclusão na sepultura, de objetos e utensílios, como arcos, flechas, machados, tecidos, côlares, etc., justifica-se pela necessidade que dêles continua a ter o morto ; a destruição dos que não são ou não podem ser enterrados, faz-se.

para que o defunto não os venha buscar à aldeia. No entanto ainda há uma dificuldade ou perigo a remover: é o de que o morto, solicitado pela saudade das pessoas que lhe são caras, entenda vir procurá-las entre os vivos e levá-las para a sua habitação subterrânea. Porém, tão grande risco conjura-se facilmente, graças a umas pintas que se fazem no rosto, nos braços e tronco, com pó de carvão aglutinado com leite de certo cipó; a esta precaução junta-se mais a de raspar as sobrancelhas.

O modo acima referido, de fazerem-se os enterramentos cainganges é de instituição bastante recente, porquanto os homens de hoje contam que, na sua meninice, usava-se sepultar o tronco numa cova, enquanto que a cabeça, separada e metida num vaso de barro, era objeto de grandes solenidades, depois das quais se a enterrava. Esta prática antiga parece que resulta das condições em que vivia a nação Caingange, quando ela dominava ainda uma região muitas vezes maior do que aquela em que agora se acha confinada. De sorte que seriam freqüentes as mortes ocorridas em pontos tão distantes dos cemitérios que impossível seria transportarem-se os corpos até êles. A dificuldade resolvia-se dando ao tronco sepultura no mesmo lugar em que se verificava o trespasso e conduzindo a cabeça para a aldeia, para aí receber as homenagens fúnebres.

Influenciado por êsse uso antigo, é que os Caingange costumavam decepar os cadáveres das vítimas que faziam em seus assaltos; carregavam as cabeças para sepultá-las no meio de cerimônias, que parecem ter alguma coisa de expiatórias.

A alimentação — Passando, agora, à alimentação dêsses índios, examinemos em primeiro lugar os artificios por êles empregados nas caçadas e nas pescarias.

A mais apreciada das carnes é a da anta — *iôro* — que êles apanham em laços fortíssimos, feitos de cipó imbê ou senão matando-a a flechas, indo para isso surpreendê-la de dia em seus retiros, guiados pelos rastos, que seguem com incrível facilidade.

Imediatamente depois dessa, colocam a carne de macacos ou bugios — *canhere* — dos quais matam enorme quantidade, por meio do arco e flecha.

As caçadas — Para estas caçadas os Caingange vão em grupos. Quando descobrem um bando, fazem, por baixo das árvores em que êle se acha, uma algazarra infernal: os macacos ficam com isso estatelados e é então que os homens desferem os

seus tiros certos. Depois de algum tempo os sobreviventes do bando procuram fugir, mas enquanto vão pulando de ramo em ramo, por baixo, os índios os acompanham em gritaria : o bando pára de novo, como que preso pela fascinação daquela atoarda e os atiradores de flecha, recomeçam a matança socegradamente. E esta cena se repete, até terminar, quase sempre, pela extinção do bando.

Nas caçadas de porcos do mato usam os Caingangue cercar as varas que encontram ; depois, apertando o cerco, investem contra os animais e os abatem a pauladas ; nestas batidas, é também comum não lhes escapar uma única peça.

E' costume d'esses índios fazerem das caveiras das antas, dos porcos e macacos por êles caçados, espécies de rosários, ligando-as umas às outras por meio de cipós e dependurá-las, assim, em árvores ou no interior dos ranchos.

A pega de pássaros a laço — Para apanharem os pássaros empregam flechas de quatro pontas, ou senão, as de virote. Além disso, usam laçá-las com auxílio de um cordel preso à extremidade de uma vara longa e delgada. O manejo d'este laço exige grande delicadeza de movimentos e muita paciência, porque o caçador, trepado numa árvore, quando se trata de pegar periquitos ou maitacas, ou no chão, quando se trata de pombas, inhambús, etc., mas sempre escondido por uma tapada de fôlhas de coqueiro, tem de passar a laçada pela cabeça do pássaro e depois, erguendo a vara, segurá-lo pelo pescoço. Tudo isto passa-se de modo que seria mais justo dizer-se que os Caingangue assim "pescam" os pássaros.

Quando se trata de periquitos ou maitacas, êsse caçador de "caniço" leva consigo um chamariz, ao qual faz gritar, conseguindo, destarte reter o bando ao alcance do laço ; quando se trata de pombas, colocam o milho de um lado da tapagem e, por essa forma, que não é nenhuma novidade, as atrái e reúne.

A vantagem d'este modo de apanhar os pássaros é que, por ficarem êles vivos, pode-se ter nas aldeias, ao alcance da mão, uma reserva de carne fresca, pela qual se quebra a monotonia das outras, conservadas pelo conhecido processo do "moquem".

Há certos animais que os Caingangue não comem, por exemplo: a onça e, o que é mais admirável, o veado. Quanto à onça, explicam que sentem repugnância em comer essa carne por ser ela muitas vêzes formada à custa das de algum índio ; quanto à do veado, porém, ainda não deram uma explicação que justifique tão inesperada abstinência.

Troca de caças — Um uso bastante singular e que se está perdendo rapidamente, sob a influência do que êles observam entre os civilizados, é o do caçador nunca se utilizar da caça abatida por suas próprias mãos; animal que um mata outros o comem, e nisto não há propriamente permuta, porque o índio entrega o fruto de suas fadigas venatórias ao primeiro companheiro que encontra e vai receber de outro o que há de servir para a sua alimentação.

Xirimbabos — Acontece muitas vezes apanharem êles filhotes de pássaros, de anta, macaco, etc., os quais são entregues às mulheres, que os criam com infinitos cuidados e muita paciência.

Êsses animais, quando vingam, são tratados com mimos ilimitados por tãda a aldeia e o Caingangue se encheria de horror por quem matasse e comesse algum dêles. Isto seria aos seus olhos alguma coisa parecida com um ato de canibalismo; por tal motivo, nos primeiros tempos da pacificação, os índios censuravam-nos pelo destino que nos viam dar às nossas aves domésticas, e foram precisos alguns meses para animarem-se a provar a carne de galinha, da qual, aliás, já se tornaram apreciadores, com um entusiasmo que nos parece agora excessivo.

Péssimos pescadores — Apaixonados pelo peixe, os Caingangue são, no entanto, péssimos pescadores, se é que êste nome se pode dar a quem não emprega outros recursos senão o de esgotar algumas lagoas formadas pelas enchentes e depois pegar à mão os pescados nelas existentes ou esperá-los nas épocas de desova, em saltos e corredeiras, e apanhar os que, errando o pulo, caem em sêco, ou finalmente matando a flecha algum que aparece pelas margens do rio.

Carnes só bem cozidas - Em todos os casos os Caingangue só se alimentam de carnes muito bem cozidas, chegando mesmo a sua exigência sôbre este ponto tão longe que, nas mesas, recusam os bifés de que nos servimos, por achá-los crus. Para prepararem os seus "moquens", usam, além dos processos geralmente empregados nos sertões, abrir no chão uma cova que aquecem fortemente com brasas e lenha; depois, chegado o calor ao gráu desejado, retiram todo o combustível e colocam alí a carne a assar, previamente envolvida em folhas verdes; feito isto, estivam a abertura da cova e cobrem tudo com uma espêssa camada de terra. A cocção dura quase um dia inteiro, mas em compensação dá às carnes um sabor muito mais agradável do que o obtido pelos outros meios.



UM XIRIMBABO DE SORTE...

N.º 15 bis — Índia caingangue amamentando um filhote de porco do mato, enquanto o garoto espera a sua vez.

Apanha de frutos etc. — Não só de caça vivem os Caingangue, pois a floresta fornece-lhes também grande variedade de frutos e côcos; entre os primeiros citaremos as saborosas jaboticabas, as pitangas, os "gragoatás", os ananazes e muitos outros que seria fastidioso nomear. Utilizam-se igualmente do palmito, que comem cru ou guisado com carne ou com "*fenhui*", nome êste que serve para designar as larvas de certo coleóptero, que se desenvolvem nos troncos derrubados de uma determinada espécie de palmeira.

Desta larva, que também comem crua, são os Caingangue tão grandes apreciadores quanto entre nós os cavalheiros e damas de delicado paladar o são das ostras, cruas ou preparadas, e dos caramujos vindos de França.

Roças — Além do que lhes dão as suas belíssimas florestas, têm os Caingangue os recursos que retiram de suas roças, onde cultivam abóboras — *perrô*; uma fava branca, a que chamam *rangró*; e o milho — *inhere*, das variedades, roxa, branca e *grenã*, originais do Brasil, as quais, talvez por isto, parecem condenadas a desaparecer, substituídas pelo grão turco, que é o que se planta em nossas lavouras.

O milho ocupa, na alimentação desses índios, um lugar tão preponderante quanto o representado pelo trigo na das populações do velho mundo.

Quando verde, eles o comem assado, cozido ou em broas; as canas fornecem-lhes o seu caldo açucarado, parecido com o da extremidade superior das nossas canas de açúcar. Depois de maduro, comem-no assado ao borralho, ou reduzido a farinha ou em forma de pães — *iamin* — cujo único inconveniente, ao menos para o nosso paladar, é ter um sabor picante, que lhe vem do fato de pôrem o milho mergulhado em água corrente, durante alguns dias, até alcançar a certo grau de azedume.

O *kiki* — Pôsto a fermentar, em grandes vasos de barro — *coeron-bang*, ou em cochos escavados em troncos de jaracatia, de mistura com mel, o milho fornece ainda o *kiki*, bebida de gosto agradável, levemente alcolizada, da qual só se faz uso nos dias de festa.

AS CASAS DOS CAINGANGUE

Os Caingangue constroem suas casas, segundo dois tipos: o primeiro de uma só água, o segundo de duas. Sobre varas fincadas no chão com uma inclinação de 45 graus, mais ou menos, e

apoiadas no seu terço inferior sôbre uma viga horizontal, **amarram-se** outras, também horizontais, com cipó, destinadas a representarem o papel de ripas, e nelas se fixam fôlhas de coqueiro ; tem-se assim uma casa do primeiro tipo, a qual fica completamente desabrigada pela frente e pelos flancos.

O outro tipo constroe-se fechando a frente do anterior, por uma outra cobertura feita segundo o mesmo processo ; uma dessas duas cobertas, porém, excede superiormente à outra, afim de obviar ao inconveniente da construção não possuir cumieira ; os flancos ficam geralmente abertos, mas às vêzes coloca-se em um dêles uma terceira tapagem.

Sob a influência do que observam no nosso acampamento, já começaram êles a modificar as suas construções, adotando esteios e cumieiras ; mas as paredes ainda continuam a ser supridas pelo prolongamento das coberturas até ao solo.

Em viagens ou expedições, para caçadas ou outros fins, os Caingangue nunca pernoitam sem antes construirem alguns abrigos rapidamente feitos, segundo o primeiro tipo.

Quando, porém, um homem viaja sôzinho, o que raramente acontece, passa as noites no alto de algum coqueiro, cujas fôlhas enrodilha e entrelaça com tanta arte, que aí consegue, segundo afirmam, dormir com tôda a tranqüilidade e segurança.

Para êste mister escolhem os coqueiros e não árvores, porque ali têm certeza de não serem surpreendidos e devorados pelas onças.

No interior dos ranchos, os Caingangue fazem as suas camas sôbre o chão, forrado com fôlhas de coqueiro, e enquanto dormem, têm os pés aquecidos por uma pequena fogueira e o resto do corpo envolvido nos panos a que dão nome de *curu-cuchá*.

O fogo — Até a data da pacificação, êles só conheciam um meio de fazer fogo : era rolando entre as palmas das mãos uma vareta de madeira rija, cuja extremidade inferior applicava-se sempre no mesmo ponto de um pedaço, bem sêco, do pedúnculo de um cacho de côco ; o movimento de rotação alternativa, assim impresso à vareta, produzia na parte friccionada um pó tenuíssimo, o qual acabava inflamando-se, depois de um extrenuo trabalho, que se podia prolongar por muitas horas e que nem sempre dava o resultado desejado.



N.º 5 — Tipo comum das palhoças dos índios Catinguano, nas proximidades do Acampamento do Ribeirão dos Patos.

Para evitar a necessidade de repetir amiudadamente essa penosa operação, que competia aos homens, applicavam-se as mulheres em conservar o fogo obtido, alimentando para isso incessantemente as fogueiras domésticas.

Quando saíam para caçadas ou expedições, levavam consigo um tição aceso e protegido com tal arte, que não havia receio de se extinguir facilmente.

A paciência e applicação dos Caingangue aos trabalhos exigidos para a provisão das coisas necessárias à sua vida, manifestavam-se não só na produção do fogo, como também em muitas outras ocasiões.

Manufaturas — Assim, por exemplo, a confecção dos utensílios de uso corrente, como as pinças de madeira, para apanhar no borralho as brôas e os grãos de milho torrado; os balaios de vários feitios e tamanhos, tecidos com taquarinha; os pilões abertos a fogo lento, em cepos de madeira, dirigindo-se a combustão de tal sorte que, depois de prontos, se julgariam feitos com auxílio de nossas ferramentas, manejadas por mão de perito carapina.

Cerâmica — O mesmo se deve dizer da fabricação dos vasos de barro, de côr prêta, e obedecendo à forma geral de um parabolóide de revolução, forma que parecia não dever ter sido a preferida, pela aparente dificuldade que há em os manter de pé.

Êstes vasos distinguem-se em duas categorias que se diferenciam pelos formatos das bordas: — os chamados "*cocron*", que servem de panelas e chegam às vêzes, a ter capacidade de perto de 25 litros, e os "*petkê*", que são os pratos dos Caingangue. Ninguém pode imaginar o que custa às índias, que são as artífices dêsses "*cocrons*" e "*petkês*", bem como dos pilões, de paciência e de habilidade, a fabricação de tais vasos, que elas fazem sem o auxílio de nenhum instrumento, amoldando o barro só com as mãos e os dedos; também não é menos admirável a resignação com que essas mulheres, muitas vêzes, vêm o seu trabalho inteiramente perdido, quando, na operação final do cozimento, o barro, sob a ação do fogo, estala e fragmenta-se.

Tecelagem — Que dizer, então, da perícia revelada por essas mesmas mulheres, na preparação de fios de fibra de gragoatã e na urdidura dos tecidos com que confectioam as tangas e os "*curu-cuchá*", panos de agasalho contra o frio, sabendo-se que todo êsse trabalho é feito a mãos absolutamente livres, sem o auxílio, sequer, de um dispositivo que permita ter os fios destendios?

No entanto, os Caingangue conseguem assim não só **manufaturar** panos muito bem tecidos, como, além disso, fazê-los, pela **inserção** de fios tingidos de vermelho e negro, com desenhos de **figuras geométricas** bem traçadas.

Colares → Dentre os artefactos usados por êstes índios, citarei os colares, feitos, uns com as sementes de cõr prêta de certo vegetal, furadas e enfiadas num cordel de fibra de gragoatá; outros, com os incisivos de macacos, entremeados com presas e garras de onça e de outros animais.

Todos êsses dentes eram antigamente encastoados em um tecido; agora, porém, são pèrfurados com auxílio de agulhas e depois enfiados numa linha.

Tangas, cintas e cordões — As mulheres cobrem-se com tangas, que lhes envolvem inteiramente tõda a parte inferior do tronco e descem até aos joelhos.

As moças, além da tanga, trazem uma cinta larga, de casca de cipó imbé, fechada em círculo e cozidas às extremidades; de sorte que, para a usar é preciso a pessoa erguer os braços e juntar as mãos, enquanto uma ajudante a enfia, de cima para baixo, até chegar ao lugar desejado.

Os homens andavam inteiramente nus, e desde meninos traziam à cintura um cordão que a cingia em numerosas voltas: não conseguiram ainda os empregados da Inspetoria descobrir a significação dêsse cordão, cuja utilidade é evidentemente nenhuma.

Armas — Quanto ao armamento, usam os Caingangue arcos de dimensões e fôrças proporcionadas ao emprêgo a que se destinam; assim, os de guerra, também utilizados contra as onças e antas, regulam ter dois metros de comprimento e são tão grossos que a mão mal os pode abarcar; os destinados a matar macacos e outros animais de menor porte são muitíssimo mais leves, mais curtos e finos.

As flechas, cujo comprimento deve exceder, segundo medidas fixas, a altura da pessoa que a fabrica e utiliza, compõem-se de três partes: a ponta, o corpo — que é uma vareta de madeira — e o cabo, portador das penas, feito de taquarinha.

Para as caças miudas emprega-se a ponta feita de uma lasca de tibia de macaco; na guerra, e contra animais corpulentos, a choupa de ferro. As flechas para passarinhar são muito mais curtas que as outras e dotadas de quatro pontas de madeira, diver-



N.º 6 — India tecendo um curto cuchiá, cobertura usual entre os caingangues.

gentes e lisas ; ou, senão, de um batoque rombudo, cujo efeito é derrubar o pássaro sem o ferir, só atordoado pela pancada. As penas empregadas para dirigir o vôo das flechas são tiradas das asas de urubus e araras.

Os Caingangue como a maioria dos índios brasileiros, não envenenam as pontas de suas flechas.

Enfeites de penas — Para terminar esta enumeração de artefactos caingangues, ainda citarei os enfeites de penas, usados pelas crianças, enfeites de que temos conhecimento só pelas referências que dêles nos fazem os índios ; e de um brinquedo chamado "*nandire*", formado de um disco de barro atravessado normalmente por uma haste finíssima de madeira ; fazendo-se rolar a parte superior dessa haste entre as palmas das mãos imprime-se ao "*nandire*" um movimento de rotação que o faz funcionar como as nossas piurras.

Festas, cantos e danças — Em certas ocasiões os Caingangue reúnem-se para as festas, a que chamam "*kiki-coia*", isto é, "o *kiki* que está para ser comida", as quais consistem em cantos e danças realizados em torno de monumental fogueira, e duram dias e noites seguidas até se esgotar a provisão da bebida, previamente preparada em quantidade enorme. Destas festas, a principal ou a mais sensacional é a que se realiza por ocasião do milho verde, quando se declara a maioridade dos rapazes ou a sua capacidade para contraírem casamento, e as mulheres que enviuvaram no correr do ano são desobrigadas dos últimos deveres que ainda as ligava aos seus defuntos maridos e postas em condições de convolarem a novas núpcias.

Mas tôdas as festas começam, invariavelmente, pela ida dos homens e rapazes já declarados maiores ao cemitério da aldeia, para refazerem o monte de terra que corôa as sepulturas ; nesta parte, que se faz, como tôdas as outras, entre cantos e com movimentos ritmicos, não pode figurar mulher alguma, nem menores.

Regressando à aldeia os homens, começa em torno da fogueira a dança, na qual tomam parte os indivíduos de todos os sexos e idades, com as sobranceiras raspadas e os corpos salpicados de pintas negras, feitas de pó de carvão misturado com leite de certo cipó, nuns indivíduos, redondas, noutros alongadas, conforme pertencam ao grupo *camen* ou *canhurucren*.

Os homens dançavam antigamente empunhando os seus arcos ou ramos de árvores ; agora, porém, preferem apresentar-se com

os machados e foices, que lhes dá o Governo Federal por intermédio da Inspetoria de S. Paulo.

No *kiki-coia* só é fixa a melopéia, segundo a qual se deve dizer tudo o que no momento interessa, e a regra de ninguém beber o líquido que tira com as próprias mãos do cocho ou dos *cocrons*; tudo mais varia, segundo a ocasião da festa e segundo o personagem que canta. Um índio, tendo enchido de *kiki* o seu *petkê* ou caneca, entrega-a a outro, que pode ser homem ou mulher; êste recebendo-o, bebe de um só trago o líquido nêle contido e para ali ficam os dois frente a frente, balançando os corpos, a cantar o que se têm a dizer.

E' assim que se rememoram e se liquidam passados dissídios; relatam-se peripécias de viagens, de excursões e de caçadas; ensinam os pais aos filhos a história e as tradições da nação e, sobretudo, rememoram-se as lutas com as *fógs* — estranhos ou inimigos de outras raças, assentando-se então o plano de desforras terríveis e vingativas.

O *kiki*, que se obtem não só pela fermentação do milho misturado com mel, como já foi dito, mas também de igual infusão de flores de coqueiro, retiradas de espatas ainda verdes, é bebido em tão grande quantidade que alguns indivíduos ficam embriagados; então dizem os outros que êstes *morreram-terê*, e para lhes restituir a vida empregam os cantos e as cerimônias usadas quando ocorre uma morte qualquer.

O único instrumento de que se acompanham nos seus cantos é o maracá, tangido pelo *rekakê* da aldeia em que se realiza a festa, o qual fica de parte, zelando pela boa ordem de tudo e servindo de mestre de cerimônia.

O *culto aos mortos* — Tôdas as observações que pudemos fazer dos usos e instituições dos Caingangue, principalmente nas ocasiões decisivas dos *kiki-coia*, conduziram-se à conclusão de que êles só têm um culto: o dos mortos; que, por ora, só há entre êles um princípio de adoração — a do fogo, do qual o *rekakê*, no decurso da festa, aproxima-se várias vêzes, para, de côcoras e sempre tangendo o maracá, dirigir-lhe alguma palavra em tom cantado.

Os *astros* — Fora disso só pudemos descobrir um começo da atenção e do interêsse pelo sol e pela lua e nenhum pelos outros astros, que chegam até a ser confundidos numa designação comum dada pela palavra *crin*. Quanto ao trovão, não exerce sôbre êles nenhuma impressão de medo e muito menos de respeito, porque o



N.º 6 bis — Grupo de índias, vendo-se uma mulher ainda com a sua indumentária usual e outra com o camisolão branco que lhes era fornecido logo que chegaram ao Acampamento.

consideram como um fenômeno corriqueiro, como seja o rolar da água, a esforçar-se em romper as nuvens e cair em chuva. E quando perguntados sobre a opinião que formam de outros fenômenos, que nos parecem próprios para fascinar qualquer imaginação e arrastá-la a criar hipóteses, êles se limitam a responder com a exclamação — *mal*, com a qual significam que se trata de coisa que não sabem e não lhes interessa saber.

Nem feiticeiros, nem médicos — Entre êles não se encontram feiticeiros, médicos ou qualquer outra forma do equivalente ao *pagé guaraní* ou ao *bâri borôro*. Os doentes são tratados pelos seus parentes mais próximos, os filhos pelas respectivas mães, o marido pela mulher, etc., e o tratamento consiste em sangrias na testa e nas fontes, que se picam com pedacinhos de vidro, o substituto atual do silex; em massagens vigorosas e, às vêzes, violentamente excessivas; e em atilhos, que apertam fortemente a parte dolorida do corpo.

Onirocricia — Contudo, os Caingangue acreditam que algumas mulheres têm o dom de adivinhar o futuro, vendo claramente durante o sono o que sucederá em projetadas expedições e caçadas. Acreditam mais que êsses sonhos proféticos podem ser provocados, bastando para isto ingerir a *sonhadora*, um pó tenuíssimo, que se obtém pilando folhas de certo vegetal. Mas conquanto os homens não se dispensem de consultar êsses oráculos na vespera de iniciarem novas empresas, contudo não desistem de as levar por diante, ainda que a resposta lhes seja desfavorável; é evidente, porém, que neste caso a ação se ressentia da falta de firmeza e de pertinácia, necessárias para garantir-lhes o bom êxito.

Ainda a essas mulheres atribuem os índios a força de poderem sustar e desfazer às tempestades e aguaceiros que se estão formando, por meio de sopros que elas, com os dedos em pinha, figuram tirar da bôca e jogar contra as nuvens.

Para terminar esta exposição sobre os costumes e instituições dos Caingangue paulistas, falta-nos ainda considerar o modo porque êles fazem a guerra.

TÁTICAS E ESTRATÉGIAS

Em primeiro lugar, é preciso saber-se que em todos os empreendimentos coletivos, devem figurar indivíduos dos dois grupos a que já me referi, o *Camên* e o *Canherucren*; a um pertence iniciar a ação, ao outro prosseguí-la até ao desfecho final.

Dada esta explicação, vejamos como era um combate entre dois partidos caingangues. Estando os guerreiros armados com os "cá", enormes e pesados porretes de madeira fortíssima, avançavam, de um lado e de outro, estendidos em linha, os *Camens* dos dois partidos, soltando gritos e insultando-se mutuamente, dando pancadas no chão ou nas árvores, tudo com o fito de atemorizarem os contrários e incentivar a própria coragem; enquanto isso, os *Canherucrens* ficavam em outra linha, à retaguarda, brandindo os "cás" e juntando seus gritos aos dos da vanguarda.

Num dado momento, chegada a exaltação ao auge, começava o recontro, e os combatentes, ora defendendo-se, ora atacando, a manejarem os porretes em paradas parecidas com as do conhecido "jogo do páu", trocavam-se pancadas terríveis que, se colhiam a cabeça do adversário, estendiam-no morto no chão; se a uma perna ou braço, quebravam-no. Nisto os *Camens* iam se retirando para a retaguarda e sendo substituídos pelos *Canherucrens*; a pugna tornava-se então mais encarniçada, referviam os golpes tremendos, aumentava o clamor das vozes e o solo se ia juncando de mortos e de estropiados.

Como se vê, em suas lutas intestinas, os Caingangue não faziam uso do arco e das flechas; o pau, o temido "Guaratan" dos civilizados do Noroeste e de Campos-Novos do Paranapanema, era nesses casos a única arma empregada.

Nos assaltos, porém, contra os "Fogs", isto é, contra os índios Oti de Campos-Novos, os Ofaé de Mato-Grosso, ribeirinhos do Paraná e os civilizados, as armas de tiro figuravam, mas, ainda assim, só no começo da ação, para aterrorizar, desorganizar e provocar a debandada do inimigo; uma vez isto alcançado, o Caingangue abandonava o seu arco e empunhando o predileto "Guaratan", saía correndo atrás do fugitivo, alcançava-o e, com uma só pancada na cabeça, arrancava-lhe a vida.

Outra diferença entre as lutas intestinas e as exteriores, era que nestas êles não faziam preceder o recontro de clamor de insultos, como usavam naquelas; mas, ao contrário, no meio do maior silêncio, no máximo do imprevisto, faziam cair sôbre os assaltados a primeira nuvem de flechas. O efeito dêsse ataque subtâneo, quase misterioso, era fulminante e, para agravá-lo, levantava-se então no seio da floresta a gritaria enorme; os homens já apavorados não podiam mais refletir nem se lembrar das armas que tinham! Os que conseguiam escapar vinham depois contar que naquele assalto ti-



N.º 7 — Monte de terra cobrindo a sepultura de índio Catingaque.

nham figurado centenas e centenas de selvícolas ; e tudo isso, medo, abandono de armas, renúncia à defesa e exagero exorbitante do número de assaltantes — resultava do efeito moral da tática empregada pelos Caingangue, única de que eles podiam lançar mão para conseguirem opôr com eficácia o seu armamento primitivo às nossas armas de fogo.

Para terminar estas notas sôbre a guerra, direi que os Caingangue não matavam as mulheres e crianças de seus inimigos ou adversários, mas podendo, levavam-nas prisioneiras para as aldeias; uma vez aí, recebiam elas de seus aprisionadores tratamento idêntico aos que eles costumavam dar às suas próprias mulheres e filhos. Um exemplo frisante dêsse uso observámos no acampamento de Ribeirão dos Patos, por ocasião da visita do *rekakê* Charin, porque, tendo-se feito êle acompanhar de uma moça e um rapaz, tomados quando crianças a um grupo de Ofaié que se havia passado de Mato-Grosso para o território paulista, vimos que os tratava com carinho e cuidados iguais aos que os Caingangue dispensam aos seus filhos ; aliás, Charin comprazia-se em ser considerado como o pai do jovem casal e ao contrário mostrava-se aflito e descontente quando lhe lembrávamos a verdadeira nacionalidade e procedência dêle.

ALGUNS DADOS PSÍQUICOS

A coragem é, para os Caingangue, uma virtude que nos homens não só se presa e estima, como também se exige ; um momento de fraqueza, um instante de covardia, é o bastante para acarretar o desmoronamento de um grande passado de audácia. No entanto, eles não são fanfarrões ; narrando os seus feitos, quase se esquecem de dizer a parte que nêles tomaram, para só insistirem sôbre os episódios em que, a seus olhos, os adversários se cobriram de ridículo, manifestando medo ou debandando depois de derrotados.

Depois da coragem, a qualidade mais apreciada pelos Caingangue é a disposição para o trabalho, e dos epítetos que se lançam, quando brigam, um dos mais insultuosos é o de "*inhé-inhére*" — preguiçoso.

Ao contrário do que vulgarmente se pensa, a vida dos selvícolas é constituída de uma série intérmina de trabalhos penosos e arriscados ; e o pior é que, apesar de tudo, nunca podem estar eles seguros do dia de amanhã.

Cacar é para os civilizados um passatempo divertido, mas, para os índios é uma obrigação quotidiana; difícil, perigosa e extenuante.

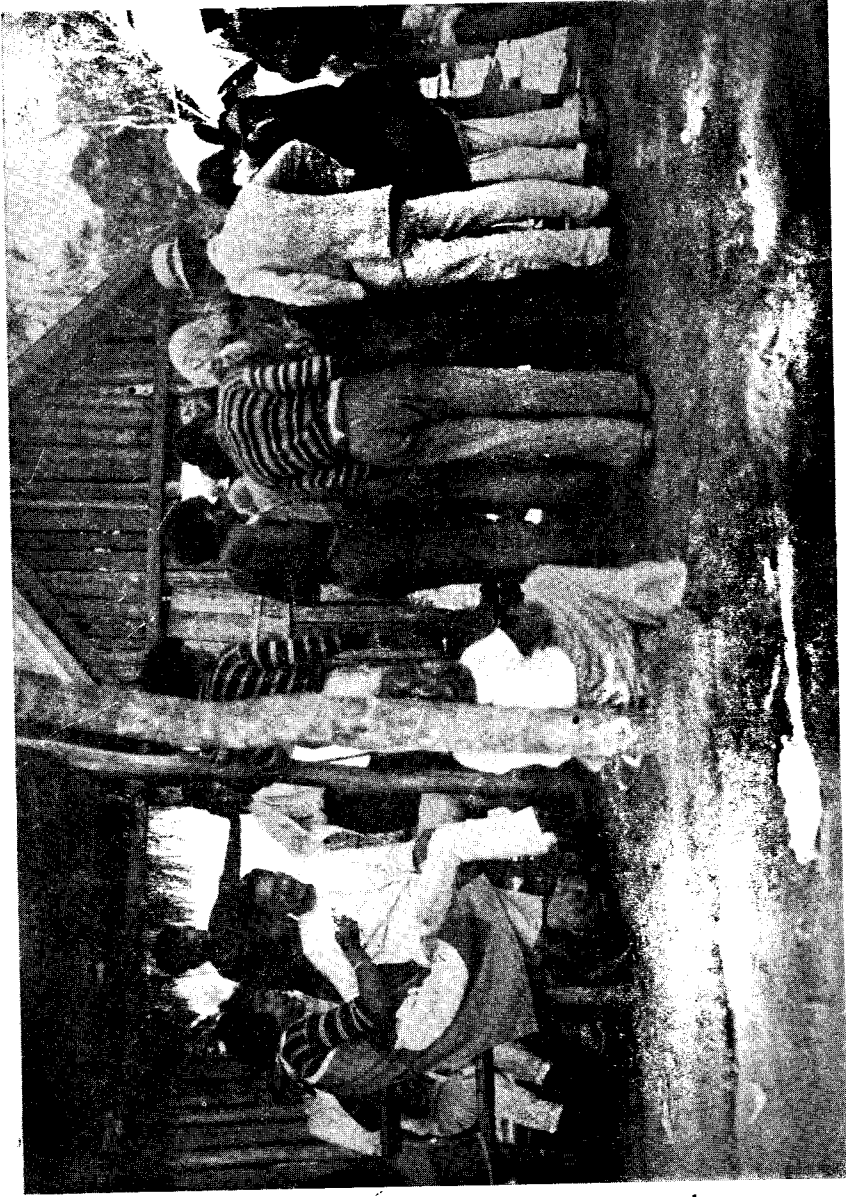
Há trabalhos, como o de pilar o milho, apanhar a água, e alguns outros de caráter evidentemente doméstico que só podem ser feitos por mulheres; mas daí a afirmar, como o têm feito observadores superficiais, em relação a outros selvícolas, que elas são verdadeiras bestas de carga, há toda a distância que separa a falsidade da verdade. É real que nas viagens as índias vão carregando, em pesados volumes, as provisões e utensílios de que necessitam; mas não é menos verdade que isto, ao menos entre os Caingangue, só se dá enquanto atravessam algum trecho de floresta onde há risco da coluna ser assaltada por feras ou por inimigos; passados êsses lugares perigosos, em que os homens precisam ter os seus movimentos livres e desembaraçados, para atenderem às necessidades da defesa comum, tomam êles sôbre os seus ombros a maior parte daqueles volumes e cargas.

Os índios são muito comunicativos e brincalhões; os homens falam alto e bem claro; as mulheres têm o hábito, além de falarem baixo, de desencadear as palavras numa torrente ininterrupta, articulando os vocábulos mesmo enquanto inspiram o ar pela bôca, de modo que, suprimidas tôdas as pausas que seriam exigidas pela respiração, a sucessão dos têrmos, soldados uns aos outros, termina-se, mas quase nunca se interrompe.

O TIPO FÍSICO

Fisicamente, os Caingangue são homens robustos, altos, de membros muito bem proporcionados, maçãs do rosto pouco salientes, nariz um tanto grosso e achatado; olhos prêtos, bem rasgados e nada oblíquos; lábios um pouco grossos; dentes largos e curtos muito bem conservados; bigodes finos e barbas raríssimas, quase sempre reduzidas a alguns pêlos no queixo; cabeleira basta, de fios grossos, lisos e negros; mãos e pés pequenos; côr bronzeada, clara na maioria dos indivíduos e bem escura noutros, que têm com isto grande desgosto.

As mulheres são pouco mais baixas que os homens, mais corpulentas do que êles, pouco fecundas; bacia toráxica, larga e bem conformada, testa curtíssima e coberta de densa penugem; frequente falta dos incisivos superiores.



N.º 16—Nesta fotografia o Inspector Luiz B. Hortu Barbo se conversa com o chefe cuinganguê Rerim, por intermédio da índia intérprete Vamire, que se vê sentada e de costas. A direita efetua-se uma distribuição de objetos e roupas aos índios.

A LÍNGUA

— A língua caingangue não oferece nenhum som estranho ao português : há nela, porém, a falta dos correspondentes a algumas letras do nosso alfabeto : estão neste caso, o *R* forte, o *L*, o *J*, o *S* ou *Ç* e o *Z* final.

Assim por exemplo as palavras portuguesas *RUA* e *RAPAZ*, os Caingangue as pronunciam como se o *R* tivesse o valor intervocálico e como se o *Z* final não existisse ; a palavra *ALADO*, muda-se em *arado* ; *Júlio* e *José* em *IURO* e *IUIÉ* ; sim, em *TIM*. Também o nosso *CH*, não existe em caingangue : em seu lugar figura o grupo *TCH* ; assim, *chave* e *achar*, pronunciam-se *TCHAVE* e *ATCHAR*.

Estas observações, e mais a de que na grafia dos termos caingangues nunca usamos nenhuma letra sem valor, sendo que o *do H* indica aspiração da sílaba a que êle se antepõe, são bastantes para guiar a leitura das palavras que se encontram nestas fôlhas.

Os nomes próprios usados por êstes índios são geralmente bonitos, e sonoros ; por exemplo, masculinos : *Recaudui*, *Requeri*, *Dovagi*, *Hahon*, *Vampin*, *Dorarim*, etc., femininos : *Nindá*, *Refufui*, *Iôvari*, *Ganheri*, etc.

Ligeiras notas sôbre o vocabulário — Exemplo de alguns substantivos : *Pin* (fogo), *Crin* (cabeça), *Ien* (dente), *Pen* (pé), *Dun* (barriga), *Cané* (olhos), *Crê* (côxas), *Dó* (flecha), *Rê* (sol), *Gôio* (água), *Prom* (mulher), *Ingrê* (homem), *Cochite* (menino, filho), *Log* (meu pai), *Iam* (minha mãe), etc..

Denominações recém-criadas : *Pentorá* (botinas) (de *pen*, *Pé*, *to*, modificação eufônica de *Tom*, não, *Ra*, arder); *Caporó* (homem negro), *Cá* (páu), *Po* (pedra), *Ró* (queimado : pedra de páu queimado ou seja carvão ; *Cúro-Cané* (botões), (*Cúro*, pano ou roupa), *Cané* (ôlho) ; *Crin-Cuchon* ou cabeças vermelhas, os soldados ; *Venveia* (espelho), etc.

Exemplo de adjetivos : *Bang* (grande), *Tin* (pequeno), *Tara* (forte), *Cróia* (medroso ou fraco), *Chinuin* (bom ou bonito), *Coreg* (ruim), etc.

Numerais : *Pire* (um, primeiro, único, só) ; *Rangrê* (dois, segundo), também significa irmão ; *Hum* (três, terceiro ou o outro), e nisto cifra-se, ao menos tanto quanto nós a pudemos conhecer até hoje, a numeração dos Caingangue paulistas. Os do Paraná con-

tavam até cinco, mas agora, sob a influência da nossa numeração decimal, estenderam a sua contagem, dizendo, cinco e um, cinco e dois, cinco e três, etc., sem precisarem para isso modificar o seu vocabulário.

Pronomes: *I* (eu ou meu), *Ti* (tu ou teu), *Agne*, (êle ou dêle).

Advérbios: *machê-antigamente*; *camâ-muito*; *guaiáca-amanhã*; *ûri-hoje*; etc..

Verbos: *cûri-correr*; *penói-flechar*; *côia-comer*; *crónia-beber*; *crinin-assentar-se*, etc.

— Exemplos de frases caingangues: *'i imbré ti cûri gôio chêra veia* — eu vou contigo ver a água preta, isto é, o Rio Feio. — *I agne imbré canhêre rangrê penó*; literalmente: eu êle juntos macacos dois matamos. — *Vahuin cochite cangá, rangró có ton*; literalmente: Vahuin filho doente, feijão come não, isto é, o filho de Vahuin está doente, não come feijão. — *Machê fog corég caingangs pron, cochite imbré, dó bang penó*; *bég hê crin kipic, ina pin cutem hadnê*: — Há muito tempo civilizados máus caingangues mulheres, filhos juntos, espingardas mataram; machados de ferro cabeças cortaram, casas fogo cair fizeram; isto é: Há muito tempo os máus civilizados mataram mulheres e filhos dos Caingangue, deceparam-lhe as cabeças e incendiaram-lhe as casas.

A VERDADE SÓBRE A ÍNDOLE DOS CAINGANGUE

Não é possível, senhores, fazer-se entrar nos estreitos limites de um trabalho como êste, destinado a ser lido em pouco mais de uma hora, tudo quanto de interessante e de original nos apresentam os hábitos, costumes e instituições dos Caingangue paulistas.

Pensamos, contudo, que o que fica exposto é suficiente para dar uma idéia da verdadeira índole e caráter dêsse povo e para patentear quanto era injusta, infundada e falsa a pintura que dêle se fazia, antes de 19 de Março de 1912, representando-o como um bando de feras sanguissedentas, com o qual não podíamos ter a esperança de travar relações pacíficas e amistosas, por cujo intermédio o conduzíssemos a entrar e incorporar-se no seio da comunidade brasileira.

Felizmente, o Govêrno da República soube fechar os ouvidos aos clamores que já se levantavam, exigindo dêle que dêsse imediato



N.º 17 — *Tipo de india caingangue.*

cumprimento ao que apontavam ser seu dever: mandar para o sertão da Noroeste soldados, carabinas e munições, que se empregassem no completo extermínio do tão execrado, quanto desconhecido gentio. E preferindo a essa odienta inspiração, seguir a diretriz indicada pelas nobres lições de José Bonifácio, tão fecundamente assimiladas e traduzidas em fatos pela ação incomparável do Coronel Rondon, fundou a nossa administração pública o Serviço de Proteção aos Índios, o qual desde logo se aplicou em conquistar a confiança e a amizade dos malsinados selvícolas.

UM APELO PATRIÓTICO E HUMANITÁRIO

Agora que os resultados aí estão patentes a todos os olhos, deve-se esperar que as vontades se congreguem no esforço necessário para que se não interrompa e pereça essa obra, bem digna das simpatias gerais, não só pelo que já está feito, como também pelo que ainda falta concluir.

Os Caingangue já não levam a morte e o espanto aos trabalhadores dos estabelecimentos, que, de dia para dia se multiplicam e prosperam ao longo da Estrada de Ferro Noroeste do Brasil e, envolvendo as cabeceiras do Feio, continuam, quase sem interrupção, pelos sertões de entre o Peixe e o Paranapanema. Também os nossos sentimentos de povo civilizado já não têm que sofrer os tranSES, o atordoamento, em que os lançavam de tempos em tempos as crudelíssimas "dadas" ou "batidas" de matadores de "bugres", em caçadas diabólicas que duravam já perto de meio século.

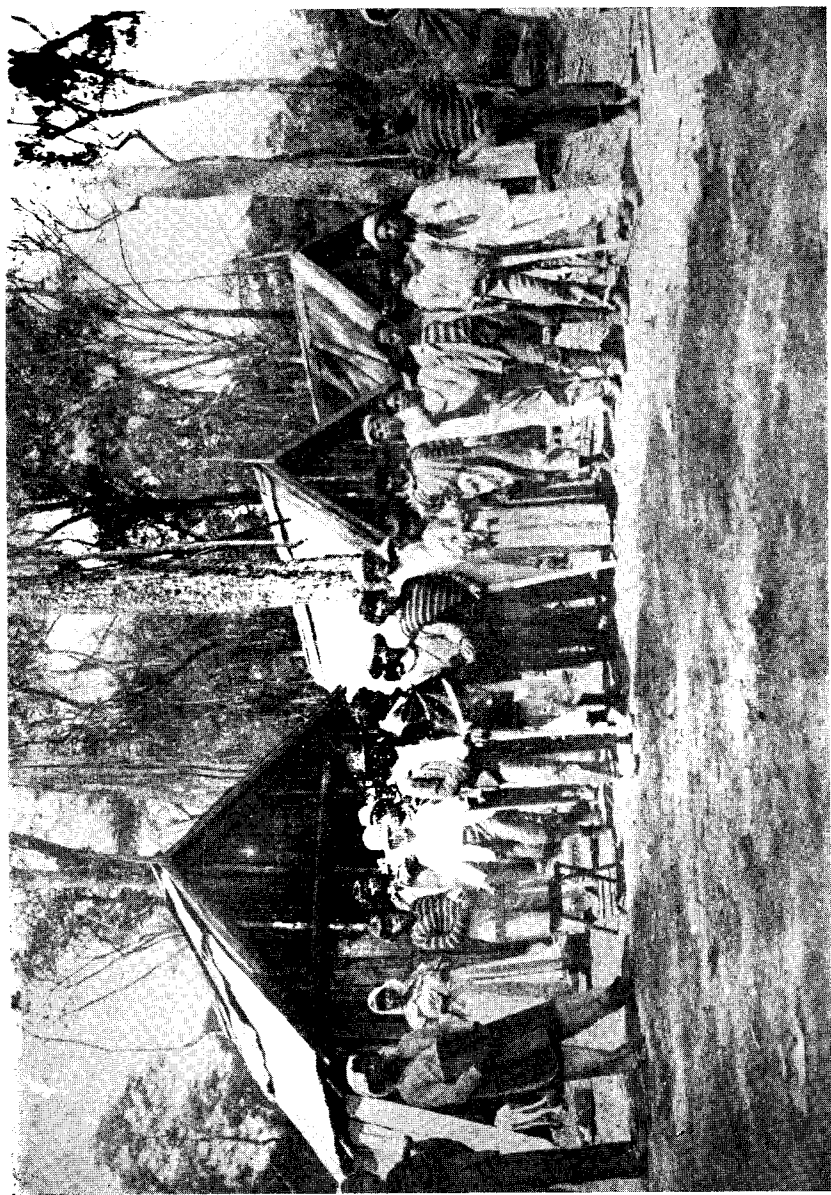
Mas apesar de tudo, nós ainda continuamos em um acampamento: o do Ribeirão dos Patos; em terras que nos podem ser, de um dia para outro reclamadas pelo respectivo proprietário; alojados em ranchos e obrigados a viagens penosíssimas por estradas e picadas que mal podemos conservar.

A ESCASSEZ DE RECURSOS E A DEDICAÇÃO PELA CAUSA

É com essa escassês de recursos e com pouquíssimos auxiliares, que suprem a sua deficiência numérica com o muito entusiasmo e devotamento que dedicam ao serviço, que a Inspetoria de S. Paulo tem policiado todo o enorme sertão que se estende desde as cabeceiras do Feio e do Peixe até ao Paraná. E é nêsse pobre acampamento que se vão livremente transformando os usos e costumes

dos Caingangue, os quais rapidamente evoluem para nossa civilização.

Para compensar-nos, porém, de tôdas as dificuldades, dissabôres e riscos já passados e dos que por acaso ainda nos reserve o futuro, temos a profunda afeição que agora nos prende àquele povo valente, leal e inteligente, e ainda mais temos a reconfortante satisfação de estarmos assim e na medida de nossas forças cooperando com almas de escol para a fundação da unidade étnica do povo brasileiro, obra sonhada por José Bonifácio e começada a realizar pelo Coronel Rondon.



N.º 8 — Grupo formado no Acampamento do Ribeirão dos Patos poucas semanas após a pacificação, quando da visita do Sr. Manoel Miranda ao referido acampamento.